

Experiências de Educação em Saúde em Círculos de

Cul tu ra



Organizadores:

Dailon de Araújo Alves
Luiz Gustavo Alves Lima

Vol. 01

Experiências de Educação em Saúde em Círculos de

Cul tu ra

Organizadores:

Dailon de Araújo Alves
Luiz Gustavo Alves Lima

Vol. 01



2025 - Thesis Editora Científica

Copyright © Thesis Editora Científica

Copyright do texto © 2025 Os autores

Copyright da edição © 2025 Thesis Editora Científica

Direitos para esta edição cedidos à Thesis Editora Científica pelos autores.

Open access publication by Thesis Editora Científica

Editor-Chefe: Felipe Cardoso Rodrigues Vieira

Diagramação, Projeto Gráfico e Design da Capa: Thesis Editora Científica

Revisão: Os autores



Licença Creative Commons

Experiências de Educação em Saúde em Círculos de Cultura da Thesis Editora Científica está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional. (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo da obra e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, não representando a posição oficial da Thesis Editora Científica. É permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

ISBN: 978-65-83199-22-5

DOI do E-book: doi.org/10.62642/tec-978-65-83199-22-5

DOIs dos Capítulos:

Capítulo 01: doi.org/10.62642/tec-978-65-83199-22-5_001

Capítulo 02: doi.org/10.62642/tec-978-65-83199-22-5_002

Capítulo 03: doi.org/10.62642/tec-978-65-83199-22-5_003

Capítulo 04: doi.org/10.62642/tec-978-65-83199-22-5_004

Capítulo 05: doi.org/10.62642/tec-978-65-83199-22-5_005

Capítulo 06: doi.org/10.62642/tec-978-65-83199-22-5_006

Thesis Editora Científica
Teresina – PI – Brasil
contato@thesiseditora.com.br
www.thesiseditora.com.br



2025

Experiências de Educação em Saúde em Círculos de Cultura

Organizadores

Dailon de Araújo Alves

Luiz Gustavo Alves Lima

Conselho Editorial

Felipe Cardoso Rodrigues Vieira – lattes.cnpq.br/9585477678289843

Adilson Tadeu Basquerote Silva – lattes.cnpq.br/8318350738705473

Andréia Barcellos Teixeira Macedo – lattes.cnpq.br/1637177044438320

Eliana Napoleão Cozendey da Silva – lattes.cnpq.br/2784584976313535

Rodolfo Ritchelle Lima dos Santos – lattes.cnpq.br/8295495634814963

Luís Carlos Ribeiro Alves – lattes.cnpq.br/9634019972654177

João Vitor Andrade – lattes.cnpq.br/1079560019523176

Bruna Aparecida Lisboa – lattes.cnpq.br/1321523568431354

Júlio César Coelho do Nascimento – lattes.cnpq.br/7514376995749628

Ana Paula Cordeiro Chaves – lattes.cnpq.br/4006977507638703

Stanley Keynes Duarte dos Santos – lattes.cnpq.br/3992636884325637

Brena Silva dos Santos – lattes.cnpq.br/8427724475551636

Jessica da Silva Campos – lattes.cnpq.br/7849599391816074

Milena Cordeiro de Freitas – lattes.cnpq.br/5913862860839738

Thiago Alves Xavier dos Santos – lattes.cnpq.br/4830258002967482

Clarice Bezerra – lattes.cnpq.br/8568045874935183

Bianca Thaís Silva do Nascimento – lattes.cnpq.br/4437575769985694

Ana Claudia Rodrigues da Silva – lattes.cnpq.br/6594386344012975

Francisco Ronner Andrade da Silva – lattes.cnpq.br/5014107373013731

Maria Isabel de Vasconcelos Mavignier Neta – lattes.cnpq.br/8440258181190366

Anita de Souza Silva – lattes.cnpq.br/9954744050650291

Sara Milena Gois Santos – lattes.cnpq.br/6669488863792604

Leônidas Luiz Rubiano de Assunção – lattes.cnpq.br/4636315219294766

Jose Henrique de Lacerda Furtado – lattes.cnpq.br/8839359674024233

Noeme Madeira Moura Fé Soares – lattes.cnpq.br/7107491370408847

Luciene Rodrigues Barbosa – lattes.cnpq.br/2146096901386355

Mário César de Oliveira – lattes.cnpq.br/8924508898024445

Antonio da Costa Cardoso Neto – lattes.cnpq.br/9036328153320126

Copyright © Thesis Editora Científica

Copyright do texto © 2025 Os autores

Copyright da edição © 2025 Thesis Editora Científica

Direitos para esta edição cedidos à Thesis Editora Científica pelos autores.

Open access publication by Thesis Editora Científica

Editor-Chefe: Felipe Cardoso Rodrigues Vieira

Diagramação, Projeto Gráfico e Design da Capa: Thesis Editora Científica

Revisão: Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Experiências de educação em saúde em círculos de cultura
[livro eletrônico] : vol. 1 / organizadores Dailon de
Araújo Alves, Luiz Gustavo Alves Lima. -- Teresina, PI
: Thesis Editora Científica, 2025.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-83199-22-5

1. Educação em saúde 2. Medicina e saúde 3.
Profissionais de saúde - Formação I. Alves, Dailon de Araújo.
II. Lima, Luiz Gustavo Alves.

25-284144

CDD-610.7

NLM-WA-590

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação em saúde 610.7

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Thesis Editora Científica
Teresina – PI – Brasil
contato@thesiseditora.com.br
www.thesiseditora.com.br

Apresentação



Frente a um contexto crescente de medicalização, práticas hospitalocêntricas e intervencionistas, a promoção da saúde é um aspecto cada vez mais necessário à integralidade desse conceito, demandando da assistência e dos profissionais que a fazem mais do que a resposta pontual e curativa às demandas apresentadas pela população, do contrário, vem exigindo uma atuação que se antecipe ao surgimento dos agravos e que veja a pessoa que busca o cuidado como um ser multifacetado e integral.

As práticas educativas assumem destaque frente a esse novo paradigma, constituindo um meio de promover a saúde da sua forma mais efetiva, evitando assim o surgimento dos agravos e a morbimortalidade, sobretudo quando feitas a partir de uma visão dialógica, horizontal e conectada à realidade e aos modos de vida da população assistida.

Dessa forma, a presente obra buscou compilar experiências exitosas conduzidas por estudantes do curso de graduação em enfermagem na promoção do cuidado através da educação dialógica, conectada às realidades do público em questão e pautada em uma visão horizontal, amparada pela metodologia dos Círculos de Cultura de Paulo Freire.



CAPÍTULO 01	9
Sobrecarga emocional em mulheres mães sem rede de apoio: um relato de experiência	9
Ana Maria Oliveira da Silva	9
Carla Isabele de Lima Vasques	9
Danjelarrany Magalhães da Silva	9
Hingrid Maria de Souza Santana	9
Paulo Rodolfo Gonçalves	9
Luiz Gustavo Alves Lima	9
Dailon de Araújo Alves	9
CAPÍTULO 02	17
“Cuidando de todos, esquecendo de mim”: relato de um Círculo de Cultura sobre burnout na saúde	17
Marcos Silva Galvão	17
Tatiana Argemiro Rodrigues	17
Thamires Clemente Tenório	17
Willyam César de Souza Gonçalves	17
Luiz Gustavo Alves Lima	17
Dailon de Araújo Alves	17
CAPÍTULO 03	23
Desafios relacionados ao controle da hipertensão arterial e diabetes: relato de experiência	23
Ana Lethicia Araújo Lima	23
Ana Beatriz da Silva Azevedo	23
Anny Emanuely Saraiva da Silva	23
Jorge Yan Roque de Sousa Izidro	23
Nayra Manuely Silqueira Cartaxo	23
Luiz Gustavo Alves Lima	23
Dailon de Araújo Alves	23
CAPÍTULO 04	32
Barreiras no acesso à saúde e apoio social para cuidadores de crianças com autismo	32
Bianca Gessica Pinheiro	32
Francisco Cleber Gomes	32
Marisa Feitosa Serra	32
Yang Peixoto Macedo	32
Luiz Gustavo Alves Lima	32
Dailon de Araújo Alves	32

CAPÍTULO 05	41
Polifarmácia e abuso de medicamentos: desafios e impactos na saúde do idoso	41
Amanda Cristina Almeida Santos	41
Antonio Vitor Ribeiro Callou	41
Emanoelly Pinheiro Freire	41
Milena Barbosa dos Santos	41
Rikelmy Neves Moreira	41
Vitória Larissa Lucena Medeiros	41
Luiz Gustavo Alves Lima	41
Dailon de Araújo Alves	41
 CAPÍTULO 06	 49
Espiritualidade como caminho terapêutico na reabilitação de homens em dependência química: relato de experiência	49
Antônio Wesley Lemos de Moraes	49
Moises Henrique Felipe	49
Gislayne Ferreira dos Santos	49
Maria Fernanda Rodrigues Pereira	49
Lucas Vinicius Lucena dos Santos	49
Luiz Gustavo Alves Lima	49
Dailon de Araújo Alves	49

Sobrecarga emocional em mulheres mães sem rede de apoio: um relato de experiência

Ana Maria Oliveira da Silva¹
Carla Isabele de Lima Vasques²
Danjelarrany Magalhães da Silva³
Hingrid Maria de Souza Santana⁴
Paulo Rodolfo Gonçalves⁵
Luiz Gustavo Alves Lima⁶
Dailon de Araújo Alves⁷

RESUMO

Introdução: o puerpério é o período entre 45 a 60 dias pós gestacional marcado por intensas transformações que pode gerar alterações em todas as estruturas da vida da mulher, inclusive com repercussões na saúde quando não possuem apoio adequado. **Objetivo:** relatar uma experiência sobre a condução momentos de escuta sobre as realidades e dificuldades em torno da sobrecarga emocional ocasionada em mães sem rede de apoio. **Metodologia:** trata-se de um estudo descritivo exploratório do tipo relato de experiência, que buscou relatar a vivência de estudantes do curso de enfermagem na condução de momentos de escuta ativa com mães voluntárias na faixa etária de 20 a 30 anos de idade, o que ocorreu no mês de maio de 2025. **Resultados e discussão:** a ação educativa teve como referencial a coleta de dados por questionário a fim de que as mães pudessem ter um diálogo de abertura afetiva e emocional sobre suas realidades. Durante a escuta ativa foi observado a angústia de alguns pontos importantes como: a alimentação fora de hora podendo prejudicar os nutrientes da mãe e consequentemente do bebê, horários de sono desregulados, falta de tempo para atividades domésticas e cuidados com a higiene pessoal. **Considerações finais:** diante dos aspectos abordados, é possível observar que o período do puerpério exige uma construção coletiva, envolvendo a família, a comunidade e os serviços de saúde. A ausência de uma rede de apoio adequada compromete significativamente a saúde mental e física da puérpera, impactando também o vínculo com o recém-nascido e o bem-estar geral do binômio mãe-bebê.

Palavras-chave: Mães; Período Pós-Parto; Mulheres; Saúde Mental; Apoio Social.

¹Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0008-1551-5740>.

²Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0005-7308-6997>.

³Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0006-6465-3301>.

⁴Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0002-1081-5230>.

⁵Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0005-6937-8532>.

⁶Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-8580-5463>.

⁷Docente do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0000-0001-8294-298X>.

INTRODUÇÃO

No puerpério, as mulheres vivenciam várias transformações biopsicossociais, que as expõe a uma maior frequência de agravos que são causas específicas mudanças físicas mentais e psicossociais, mudanças essas que atingem não somente o corpo, através de alterações como variações de peso, aumento no volume das mamas, surgimento de estrias e queda de cabelo, como também processos que vão além, como insônia, cansaço, negligência no autocuidado e na higiene (Medeiros *et al.*, 2017).

Dessa forma, durante esse período, todas as estruturas que foram modificadas durante o período gestacional, passam por um processo de involução gradual que pode durar meses, de modo que tais transições e transformações podem ocasionar comprometimento da autoestima ante as alterações na imagem corporal da mulher, grandio, que por sua vez, impactos negativos para mãe e para o bebê mães sem redes de apoio.

Assim, os desafios inerentes ao puerpério têm o potencial de influenciar significativamente a saúde mental das mulheres, evidenciando a necessidade de cuidados, atenção e suporte adequados nesse período pós gestacional.

Somado a esse panorama, os sintomas depressivos e ansiosos tendem a ser agravados nesse período da vida, podendo ser observado maior fragilidade emocional, estresse excessivo, medo, sensação de insuficiência e de incapacidade, além de que esse período de retorno não gravídico é uma das experiências que mais modificam a vida das mulheres, abrangendo desde dimensões básicas quanto a impasses socioeconômicos (Domingos *et al.*, 2024 , Alves *et al.*, 2022).

Impactos que incluem as transformações no papel familiar e profissional, a mudança no padrão financeiro, o afastamento temporário das atividades laborais e a maior possibilidade de ruptura de papéis sociais e de amizade, que nitidamente são acentuados com a chegada do bebê (Pereira; Leitão *et al.*, 2020), um contexto que impacta em uma maior tendência ao isolamento e a um aumento da sobrecarga (Benevides; Boris, 2024).

Assim, para a mulher que vivencia a monoparentalidade, a rede de apoio é de alta relevância, sendo crucial na busca de uma melhor qualidade de vida e no enfrentamento de desafios, de modo que o suporte adequado proporciona equilíbrio emocional, psicossocial, calma e alívio da ansiedade, favorecendo uma melhor conexão e afetividade com seus filhos (Silva, 2024), de maneira que esse apoio por seus cônjuges e familiares implica em um melhor desempenho das suas atividades corriqueiras.

O apoio material e instrumental refere-se às ações proporcionadas por outras pessoas e

que visam solucionar problemas práticos e/ou são facilitadores na realização de tarefas cotidianas, como por exemplo, ajuda nas atividades domésticas como, lavar e passar roupas, levar outros filhos na escola, ir ao supermercado e até mesmo ajudar a gestante na compra de roupas para a criança.

Este tipo de apoio tem como objetivo diminuir a sobrecarga das tarefas, proporcionando tempo livre para atividades de lazer, especialmente, para o descanso da futura mãe, de modo que a rede de apoio não se caracteriza somente com a ajuda familiar, mas os suportes escolar ou profissional remunerado enquadram-se nesse mesmo objetivo, oferecer suporte e auxílio.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência sobre a condução momentos de escuta sobre as realidades e dificuldades em torno da sobrecarga emocional ocasionada em mães sem rede de apoio.

METODOLOGIA

A fim de alcançar o objetivo proposto foi utilizado uma abordagem qualitativa do tipo relato de experiência, que descreve uma vivência de discentes do curso de graduação em enfermagem, tendo como tema principal a sobrecarga emocional em mães sem rede de apoio, cujo local escolhido foi uma cidade no interior do Ceará, localizada a 23,7 km da região metropolitana do Cariri.

A atividade foi desenvolvida no dia 27 de maio de 2025 com três voluntárias na faixa etária de 20 a 30 anos de idade por meio de um breve questionário. Assim, a condução desses momentos de escuta e de educação em saúde foi amparada a partir das ideias defendidas pela metodologia dos Círculos de Cultura, o que favoreceu a criação de um ambiente de livre expressão das experiências maternas, favorecendo um espaço de acolhimento e a troca de reconhecimento mútuo, fortalecendo o cuidado em saúde a partir da escuta e do diálogo como práticas transformadoras (Souza *et al.*, 2021).

A busca por essas mães ocorreu por meio das agentes de saúde da cidade em questão, no qual foi feita uma busca ativa e foram coletados alguns contatos para que o relato prosseguisse. Assim, os encontros aconteceram em ambientes domiciliares com duração de pelo menos uma hora, respeitando espaço, disponibilidade e o tempo de cada uma.

Assim, utilizou-se um roteiro com perguntas simples e organizadas, que abordavam temas relacionados ao autocuidado e à saúde mental associada às demandas diárias. Ademais, os temas relacionaram-se à vida afetiva, física e mental. Após esse momento de espaço aberto para perguntas e diálogos espontâneos, a escuta ativa foi conduzida de forma acolhedora e com

sensibilidade por estudantes previamente orientados, utilizando-se uma linguagem acessível e respeitosa à singularidade de cada mulher.

RESULTADOS

No desenvolvimento da experiência, pode-se observar que mesmo a partir do uso dos recursos de acolhimento ainda houve um receio por parte das participantes ao responder algumas perguntas, principalmente aquelas relacionadas às emoções e aos cuidados pessoais, de modo que as respostas foram, em alguns momentos, curtas e cautelosas, o que indicou a necessidade de criar um ambiente seguro e confiável.

Com a primeira voluntária pode-se observar uma visão mais introvertida porém contudo a rede de apoio da mesma aparentemente era sólida, por ser mãe de primeira viagem suas preocupações em excesso tornavam sua rotina cansativa e demandam mais de sua atenção, com a segunda e a terceira voluntária pode-se observar um diálogo mais fluido tornando o espaço para perguntas mais espaçados pois as mesmas já relataram seu dia-a-dia.

As escutas realizadas com as três mulheres revelaram experiências marcadas por desafios comuns relacionados à maternidade, especialmente ao que se refere à ausência de rede de apoio e às dificuldades de manter práticas de autocuidado. Apesar das singularidades de cada vivência, foi possível identificar padrões que apontam para o impacto da sobrecarga física e emocional na saúde mental dessas mães..

A visita com a primeira voluntária percebeu-se a falta do autocuidado e o quanto a participante sentia saudades de realizar coisas simples, pois após o nascimento do seu primeiro filho o seu tempo só era durante as sonecas, observou-se que ela possuía uma rede de apoio sólida. A segunda voluntária tinha como rede de apoio sua cunhada no qual estava gestante e não podia ajudá-la com as tarefas diárias.

Por outro lado, a terceira participante, mãe de dois filhos pequenos e em uma nova gestação, tinha como característica a ausência do companheiro, que trabalhava em outro estado e permanecia fora por longos períodos, chegando a ficar até sete meses consecutivos longe do lar. Além disso, ela não mantém contato regular com outros familiares, contando apenas com a presença da irmã, que também estava grávida.

Durante a experiência, destacou-se alguns desafios enfrentados pelas participantes, com ênfase na mudança de rotina, pressão psicológica e falta de apoio emocional, o que pode levar a uma ansiedade ou quadros de depressão pós parto, mudanças físicas, além da dificuldade de comunicação devido o isolamento social, fatores que contribuíram significativamente para o

agravamento do adoecimento mental, sendo notável a ausência de acolhimento e de escuta direcionada a essas mães, especialmente em um momento tão delicado e transformador, considerando o impacto de uma rotina exaustiva.

A única voluntária que conseguiu retomar um pouco das suas atividades relatou ter maior disponibilidade de tempo por contar com algum suporte no cuidado com o bebê, o que evidencia o papel fundamental da rede de apoio como facilitador da saúde integral da mãe durante essa etapa. Assim, a escuta acolhedora e o espaço para falas espontâneas foram essenciais para criar um ambiente seguro, proporcionando um olhar mais sensível sobre as particularidades de cada participante. O cuidado e a linguagem não julgadora dos estudantes foram fundamentais para que essas mulheres compartilhassem suas vivências de forma mais autêntica, uma abordagem humanizada que contribuiu para um momento de desabafo e reconhecimento das participantes.

Nota-se que a ajuda financeira conta como uma rede de apoio uma vez que as voluntárias recebem auxílio públicos e necessitam deles, de forma que durante a escuta ativa pode-se observar a angústia de alguns pontos importantes como: a alimentação fora de hora podendo prejudicar os nutrientes da mãe e consequentemente do bebê, horários de sono desregulados, falta de tempo para atividades domésticas e cuidados com a higiene pessoal, seus relatos eram semelhantes, pois já não possuíam uma rede de apoio tão completa, foram observados que as queixas maiores eram a falta de autocuidado e o cansaço físico.

Durante a experiência, destacou-se alguns desafios enfrentados pelas participantes, com ênfase na mudança de rotina, pressão psicológica, falta de apoio emocional, podendo levar a uma ansiedade ou quadros de depressão pós parto, mudanças físicas, além da dificuldade de comunicação devido ao isolamento social, fatores que contribuíram significativamente para o agravamento do adoecimento mental. É notável a ausência de acolhimento e de escuta direcionada a essas mães, especialmente em um momento tão delicado e transformador, considerando o impacto de uma rotina exaustiva.

Observa-se que a ajuda financeira conta como uma rede de apoio uma vez que as mesmas recebem auxílio públicos e necessitam delas. Durante a escuta ativa pode-se observar a angústia de alguns pontos importantes como: a alimentação fora de hora podendo prejudicar os nutrientes da mãe e consequentemente do bebê, horários de sono desregulados, falta de tempo para atividades domésticas e cuidados com a higiene pessoal.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo apontam como as mães entrevistadas apresentaram

indicadores de cansaço, alteração do sono e preocupação com o corpo. Estes resultados corroboram as teorias da maternidade, que destacam a presença de mudanças físicas, psíquicas e sociais com a chegada do bebê na família, especialmente quando se trata do primeiro filho (Cassiano *et al.*, 2015; Santos *et al.*, 2022).

O puerpério, além de ser um período marcado por grandes modificações fisiológicas, é uma fase de alterações emocionais e psicológicas, onde os sentimentos de inutilidade, culpa, medo, preocupação, cansaço e agitação são comuns, sendo potencializados de acordo com a rede de apoio da puérpera, de sua história pregressa de distúrbios mentais e do meio social em que ela está inserida (Corrêa *et al.*, 2017; Muchon *et al.*, 2024).

Ao nascer, uma criança pode proporcionar uma imensa felicidade para a mãe e significar uma nova perspectiva de vida. No entanto, as responsabilidades e tarefas maternas também podem gerar fardos e estresses adicionais para a mãe, visto que com a maternidade, a mulher entra numa condição psíquica especial de sensibilidade e disponibilidade emocional aumentada, a qual permite que a mãe se identifique com as carências do neonato (Martins *et al.*, 2025; Mathias; Souza, 2024).

Assim, mulheres que são mães enfrentam muitas responsabilidades, a dependência do filho, juntamente com outras responsabilidades, como trabalho, estudos, cuidados com a família e com a casa, pode levar à sobrecarga materna. Essa realidade é um desafio para essas mulheres, que estão aprendendo a desenvolver a maternidade em toda a sua complexidade, e por isso é importante que nesse período tenham apoio e afeto das pessoas com quem convivem, bem como acesso a ferramentas que desenvolvam suas habilidades maternas com segurança para elas e seus bebês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente relato de experiência permitiu compreender, a partir da escuta qualificada e holística, a vivência de mulheres mães sem rede de apoio, os impactos emocionais, físicos e sociais vivenciados no período puerperal. Os dados evidenciaram que a ausência de suporte compromete diretamente o bem-estar dessas mulheres, refletindo-se em sinais de sofrimento psíquico como tristeza profunda, ansiedade, cansaço extremo, e dificuldade no retorno às atividades de autocuidado.

Verificou-se que mesmo formas parciais de apoio, como auxílio financeiro ou contribuições pontuais de familiares, tiveram papel relevante na redução da sobrecarga. A escuta acolhedora e humanizada oferecida durante os encontros foi destacada como espaço de

desabafo, validação das vivências e construção de vínculos, sendo realizada de maneira integral. Como potencialidade, o estudo contribuiu para dar visibilidade às necessidades emocionais e práticas de puérperas em condição de vulnerabilidade. No entanto, destaca-se como limitação a não realização dos Círculos de Cultura em sua totalidade, o que compromete a aplicação integral da metodologia freireana, exigindo adaptações no processo de coleta e análise.

Dessa forma, reafirma-se a necessidade do fortalecimento das redes de apoio familiares, comunitárias e institucionais, bem como a atuação de equipes interdisciplinares na atenção à saúde da mulher. Recomenda-se que políticas públicas de saúde incluam estratégias voltadas à escuta, acolhimento e orientação durante o puerpério, garantindo um cuidado mais equitativo, humanizado e integral para o binômio mãe-bebê.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. B.; PEREIRA, T. R. C.; AVEIRO, M. C.; COCKELL, F. F. Funcionalidade na perspectiva das redes de apoio no puerpério. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 675–681, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/bdgv3DfcQB3y7y3sN3spHLM/?lang=pt>. Acesso em: 21 maio 2025.

BENEVIDES, R. F. C.; BORIS, G. D. J. B. A experiência vivida de mulheres na conjugalidade contemporânea: uma análise com Iramuteq. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 41, supl. 3, e202611, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003202611>. Acesso em: 21 maio 2025.

CASSIANO, A. N.; SOUSA, A. C.; COSTA, E. S.; SANTOS, I. C. Assistência de enfermagem à mulher no puerpério imediato: um ensaio descritivo. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 2061–2071, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750945027>. Acesso em: 26 maio 2025.

CORRÊA, M. S. M.; ARAÚJO, T. M. E.; ALMEIDA, M. M.; FONSECA, E. F. Acolhimento no cuidado à saúde da mulher no puerpério. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, e00136215, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00136215>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MARTINS, F. J. G.; BARRETO, J. A. P. S.; FERNANDES, F. L. G.; JÚNIOR, J. B.; SALDANHA, M. P.; FREITAS, J. D. S.; LIMA, A. S.; BARBOSA, K. L. Assistência de Enfermagem no Puerpério: Interferência Exitosa. **Nursing (Edição Brasileira)**, [S.l.], v. 29, n. 319, p. 10344–10350, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2025v29i319p10344-10350>. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3268>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MATHIAS, C. S.; SOUZA, M. B. Puerpério: a importância da rede de apoio social no desenvolvimento da relação mãe-bebê. In: **PSICOLOGIA: teorias e práticas em pesquisa**. São Paulo: Editora Científica Digital, 2024. p. 245–256. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/231115096.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MUCHON, J. D.; FORTE, G. V.; MARSURA, A. M.; SERQUEIRA, R. A. As mudanças fisiológicas e a saúde mental das mulheres durante o período gravídico. **Colóquio – Revista de Humanidades e Arte**, [S.l.], v. 20, n. 2, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/coloquio/article/view/1558/1335>. Acesso em: 2 jun. 2025.

PEREIRA, V. B.; LEITÃO, H. A. L. Sobrecarga e rede de apoio: a experiência da maternidade depois da separação conjugal. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 1, e3134, jan./mar. 2020.

SANTOS, M. V. M.; AMARAL, A. M.; SILVA, Y. B.; MEDEIROS, I. L.; VIEIRA, C. M.; RODRIGUES, J. C.; MOURA, T. M. Assistência de enfermagem na saúde mental da mulher durante o ciclo gravídico-puerperal. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e40611426632, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/42663>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SILVA, N. U. **A maternidade solo vai muito além do estado civil. 2024**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Universidade La Salle, Canoas, 2024. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Martins Costa Garavelo. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/4072/1/TCC-%20Natasha.%20Maternidade%20solo%20-%20NATASHA%20UMPIERREZ%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 23 maio 2025.

SOUZA, J. B. D.; BARBOSA, M. H. P. A.; SCHMITT, H. B. B.; HEIDEMANN, I. T. S. B. Círculo de Cultura de Paulo Freire: contribuições para pesquisa, ensino e prática profissional da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 74, e20190626, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tJ7yxnDCD8cKJb7JYWRX7yk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 jun. 2025.

“Cuidando de todos, esquecendo de mim”: relato de um Círculo de Cultura sobre burnout na saúde

Marcos Silva Galvão¹
Tatiana Argemiro Rodrigues²
Thamires Clemente Tenório³
Willyam César de Souza Gonçalves⁴
Luiz Gustavo Alves Lima⁵
Dailon de Araújo Alves⁶

RESUMO:

Introdução: a saúde mental dos profissionais de saúde tem sido uma preocupação crescente, especialmente após a pandemia da covid-19, que intensificou fatores de estresse, como sobrecarga de trabalho e sofrimento psíquico. **Objetivo:** relatar uma experiência de estudantes do curso de graduação em enfermagem na condução de um Círculo de Cultura com profissionais de saúde sobre burnout. **Metodologia:** estudo do tipo relato de experiência, descreve uma vivência a partir de uma roda de conversa com 12 trabalhadores de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Jardim (CE), utilizando a metodologia do Círculo de Cultura inspirada em Paulo Freire. **Resultados e discussão:** durante a atividade, foram abordadas vivências relacionadas ao burnout e à saúde mental, além de realizada a dinâmica da “batata quente”, que favoreceu a expressão de sentimentos e o compartilhamento de estratégias de enfrentamento. Os relatos revelaram angústia, cansaço e necessidade de apoio institucional. Como resultado, observou-se alívio emocional, fortalecimento de vínculos e valorização da escuta empática como ferramenta terapêutica. **Considerações finais:** a ação reforça a importância de iniciativas participativas para a promoção da saúde mental no contexto da Atenção Primária.

Palavras-chave: Pessoal de Saúde; Saúde Mental; Esgotamento Profissional.

¹Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-9836-9810>.

²Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0004-2800-2312>.

³Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-1156-2811>.

⁴Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0002-8226-5944>.

⁵Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-8580-5463>.

⁶Docente do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0000-0001-8294-298X>.

INTRODUÇÃO

É indiscutível que a saúde mental é parte indissociável da nossa saúde e que temáticas relativas à saúde mental vêm despertando atenção da população, de instituições e gestores, especialmente a partir da pandemia da covid-19. É certo também que o cotidiano dos profissionais de saúde em suas atividades assistenciais é permeado por preocupações, incertezas, tensões e angústias (Esperidião; Saidel; Rodrigues, 2020).

Esses trabalhadores têm se mostrado suscetíveis ao sofrimento psíquico, ao enfrentarem seus afazeres profissionais com inúmeras dificuldades, aliadas à própria desestabilização emocional diante de seus medos e de tanta dor e consternação das pessoas que estão cuidando. Soma-se a isso o fato da preocupação crescente de pesquisadores, educadores e empregadores com questões pertinentes à saúde mental relacionadas ao trabalho, cujos olhares trazem consenso quanto ao vertiginoso aumento de transtornos mentais ou de sofrimento psíquico entre os profissionais.

Sendo assim, articular saúde mental, condições sociais e ocupacionais torna-se imperioso (Esperidião; Saidel; Rodrigues, 2020). Profissionais da saúde, educação, segurança pública e até mesmo setores administrativos relataram altos níveis de esgotamento e distanciamento emocional em suas atividades cotidianas (Vargas *et al.*, 2022).

As principais manifestações da síndrome incluem fadiga crônica, insônia, ansiedade, irritabilidade e dificuldades de concentração. Esses sintomas não apenas comprometem o desempenho profissional, como também afetam as relações pessoais e sociais do indivíduo. A longo prazo, a não identificação e tratamento do burnout podem desencadear quadros depressivos e até ideação suicida (Passos; Lacerda, 2025).

Entre os fatores de risco mais recorrentes destacam-se: longas jornadas de trabalho, pressão por resultados, clima organizacional tóxico e falta de reconhecimento profissional. Além disso, fatores individuais, como baixa resiliência emocional e ausência de redes de apoio, também contribuem significativamente para o desenvolvimento da síndrome (Sakae *et al.*, 2024).

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo relatar uma experiência de estudantes do curso de graduação em enfermagem na condução de um Círculo de Cultura com profissionais de saúde sobre burnout.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo exploratório do tipo relato de experiência, onde participaram da roda de conversa 12 profissionais da saúde, entre eles; médico, enfermeira, técnicas de enfermagem, auxiliares de limpeza, dentistas, recepcionistas e outros membros da equipe multiprofissional, atuantes em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) situada no município cearense de Jardim, no dia 23 de maio de 2025. Foi realizado o acolhimento dos profissionais de saúde e apresentação dos discentes com o propósito de iniciar uma interação e um Círculo de Cultura, ao qual dispõe as pessoas ao redor de uma "roda de pessoas", em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente (Lima *et al.*, 2025)

Neste íterim, ocorreu uma troca de informações e vivências, os profissionais presentes foram mediadores do diálogo sobre o tema saúde mental, nessa oportunidade eles relataram experiências e vivências acerca de alguns distúrbios mentais já enfrentados e presenciados, principalmente o burnout.

Em um segundo momento, realizou-se uma dinâmica conhecida como “batata quente” que ocorreu no período de 30 minutos. A brincadeira da "Batata Quente", embora simples, é uma ferramenta importante, especialmente no contexto educacional ou de desenvolvimento de grupos, estimulando aspectos como a atenção, a agilidade, a interação social, participação, concentração, cooperação, adaptação, flexibilidade e aprendizagem lúdica, características que se alinham com os objetivos de um Círculo de Cultura.

Durante a dinâmica, foram descritas em folha de papel três perguntas as quais estão descritas a seguir: “Quais estratégias pessoais você utiliza para lidar com o estresse emocional no trabalho?”, “Síndrome de burnout pode ser prevenida? Se sim, quais os cuidados necessários?”, “Como o trabalho em equipe pode ajudar a prevenir o adoecimento mental entre os profissionais de saúde?”. Assim, as respostas tinham conhecimentos empíricos de caráter pessoal e profissional.

No terceiro momento, houve, distribuição de brindes para os participantes e por fim, ofertou-se um *coffee break* como forma de confraternização e agradecimento finais, essa ação teve como intuito valorizar os profissionais presentes, reconhecer a importância do autocuidado e reforçar a relevância do tema abordado no contexto da atenção primária à saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade extensionista superou as expectativas iniciais, evidenciando resultados

significativos tanto para os profissionais da Unidade Básica de Saúde (UBS) quanto para os discentes envolvidos. O processo foi planejado com base na metodologia do Círculo de Cultura, inspirado nos princípios de Paulo Freire, buscando criar um espaço de escuta ativa, diálogo horizontal e construção coletiva de saberes.

Antes da ação, foi realizada uma escuta preliminar com os profissionais. Nesse momento, identificou-se um ambiente marcado por cansaço emocional, estresse e sobrecarga de trabalho. Os relatos informais apontaram para a ausência de espaços institucionais voltados ao cuidado da saúde mental da equipe.

Durante a intervenção, o encontro teve início com uma acolhida, visando criar um ambiente seguro e confortável. Em seguida, foi formado o Círculo de Cultura, com todos os participantes dispostos em roda. A condução foi feita de forma aberta, valorizando o tempo de fala de cada pessoa, sempre com muito respeito e atenção.

Uma das estratégias utilizadas foi a dinâmica da “batata quente”, na qual uma caixa passava de mão em mão enquanto uma música tocava ao fundo. Quando a música parava, quem estivesse com a caixa era convidado(a) a compartilhar um sentimento ou vivência relacionada ao seu bem-estar no ambiente de trabalho.

As falas durante o círculo foram espontâneas e carregadas de emoção. Profissionais relataram sentimentos de angústia, medo, sobrecarga e frustração. Também emergiram expressões de esperança e desejo de mudança no ambiente laboral. Destacou-se a importância daquele momento como uma oportunidade única de fala e escuta.

Dentre os depoimentos, algumas frases marcaram o grupo: “É a primeira vez que sinto que alguém realmente quer ouvir o que estamos passando.” Outra fala bastante significativa foi: “A gente cuida de todo mundo, mas quem cuida da gente?” Essas expressões reforçaram a urgência de discutir saúde mental na Atenção Primária.

Ao término da atividade, os profissionais relataram sentimentos de alívio e gratidão. Muitos disseram se sentir mais leves emocionalmente. O grupo destacou a importância de iniciativas como essa e solicitou que ações semelhantes fossem realizadas com maior frequência. Além disso, surgiram sugestões para a criação de espaços para atividades como essa em outras UBS. A atividade foi reconhecida como um momento terapêutico, de cuidado coletivo e fortalecimento das relações entre os membros da equipe.

A experiência com o Círculo de Cultura evidenciou que metodologias participativas podem ser importantes instrumentos de intervenção em saúde mental no contexto da Atenção Primária. O objetivo principal da ação foi plenamente alcançado, gerando reflexões importantes e promovendo o bem-estar entre os profissionais envolvidos (Borges *et al.*, 2023;

Tomelin; Rausch, 2021).

Durante a roda, emergiram relatos que evidenciaram o sofrimento psíquico causado pelo esgotamento físico, emocional e mental que caracteriza o burnout, frequentemente associado à sobrecarga de tarefas, à pressão por resultados, à competitividade excessiva e à precarização das condições laborais. Esses depoimentos trouxeram à tona a complexidade da síndrome, ressaltando não apenas seus sintomas clínicos, mas também suas dimensões sociais, institucionais e subjetivas (Vendruscolo *et al.*, 2021; Borges *et al.*, 2021).

Um dos aspectos mais relevantes da roda de conversa foi a possibilidade de ressignificar vivências individuais por meio da troca coletiva. De modo que muitos participantes relataram sentir alívio ao perceber que não estavam sozinhos em seus sentimentos de exaustão, desmotivação e impotência. Essa percepção favoreceu a construção de redes de apoio e o fortalecimento dos vínculos afetivos e profissionais, mostrando que a escuta empática e o acolhimento podem ser estratégias preventivas e terapêuticas relevantes no enfrentamento do burnout (Jarruche; Mucci, 2021).

Além disso, a roda proporcionou um momento importante de conscientização sobre a necessidade de repensar práticas laborais e institucionais que contribuem para o adoecimento. Ao discutir alternativas possíveis, como a valorização da saúde mental no ambiente de trabalho, a implementação de políticas de cuidado e a promoção de uma cultura organizacional mais saudável, os participantes puderam vislumbrar caminhos concretos para o enfrentamento da síndrome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A roda de conversa sobre a Síndrome de Burnout revelou-se uma experiência significativa, tanto do ponto de vista humano quanto técnico. Ao propor um espaço de escuta, partilha e reflexão, o encontro possibilitou uma abordagem sensível e crítica acerca de um tema cada vez mais presente nas discussões sobre saúde mental, especialmente no contexto das relações de trabalho contemporâneas.

Conclui-se, portanto, que rodas de conversa como esta são ferramentas poderosas para a promoção da saúde mental, sobretudo em tempos de crescente adoecimento psíquico ligado às exigências do mundo do trabalho. Elas permitem que os sujeitos se expressem, se reconheçam e se fortaleçam coletivamente, além de contribuírem para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. A continuidade e ampliação de iniciativas desse tipo devem ser incentivadas, especialmente em instituições educacionais, de saúde e corporativas,

como parte de uma estratégia ampla e comprometida com o cuidado integral das pessoas.

REFERÊNCIAS

BORGES, D. C.; SOLKA, A. C.; ARGOUD, V. K.; AYRES, G. D. F.; CUNHA, A. F. D. Círculo de Cultura como estratégia de promoção da saúde: encontros entre educação popular e interdisciplinaridade. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 228–238, 2023.

ESPERIDIÃO, E.; SAIDEL, M. G. B.; RODRIGUES, J. Saúde mental: foco nos profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 1 jun. 2020.

JARRUCHE, L. T.; MUCCI, S. Síndrome de burnout em profissionais da saúde: revisão integrativa. **Revista Bioética**, v. 29, n. 1, p. 162–173, 2021.

LIMA, L. G. A.; TELES, P. R. F.; DA SILVA AGUIAR, M. S.; RIBEIRO, M. S.; DE MIRANDA, L. E. R.; DE OLIVEIRA FRANCO, L. P.; ... MEDEIROS, E. S. Aplicabilidade dos Círculos de Cultura na educação em saúde: uma revisão integrativa de literatura. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 15, n. 93, p. 14690–14706, 2025.

PASSOS, J.; LACERDA, N. **Burnout: classificação da OMS passa a valer no Brasil**. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br>. Acesso em: 07 jun. 2025.

SAKAE, T. M.; Prevalência da síndrome de burnout em funcionários da Estratégia da Saúde da Família. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, Florianópolis, v. 53, n. 2, p. 45–50, 2024. Disponível em: <https://revista.acm.org.br>. Acesso em: 07 jun. 2025.

TOMELIN, N. B.; RAUSCH, R. B. O legado de Paulo Freire ao desenvolvimento profissional docente para uma educação decolonial: o Círculo de Cultura como possibilidade. **Praxis Educativa**, v. 16, 2021.

VARGAS, S. G. de; HEINRICHS MACIEL, A. M.; BATTISTTELLA, L. F.; CORRÊA DA COSTA, T.; COELHO, D. M.; GARCIA, G. A. Síndrome de burnout em tempos de pandemia: um estudo com servidores públicos. **Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 53–73, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 07 jun. 2025.

VENDRUSCOLO, C.; SOUZA, J. B. D.; ZOCHE, D. A. A.; GEREMIA, D. S.; HEIDMANN, I. T. S. B.; KORB, A.; ... SOUSA, M. F. D. Círculo de Cultura: “lugar de fala” das enfermeiras no enfrentamento à covid-19. **Enferm Foco**, v. 12, Supl. 1, p. 93–98, 2021.

Desafios relacionados ao controle da hipertensão arterial e diabetes: relato de experiência

Ana Lethicia Araújo Lima¹
Ana Beatriz da Silva Azevedo²
Anny Emanuely Saraiva da Silva³
Jorge Yan Roque de Sousa Izidro⁴
Nayra Manuely Silqueira Cartaxo⁵
Luiz Gustavo Alves Lima⁶
Dailon de Araújo Alves⁷

RESUMO

Introdução: as doenças crônicas não transmissíveis, como hipertensão arterial sistêmica (HAS) e diabetes mellitus (DM), têm crescido, impulsionadas pelo envelhecimento da população e mudanças no estilo de vida. De forma silenciosa e progressiva, essas condições afetam grande parte dos adultos e geram impacto epidemiológico e econômico relevante na vida de cada indivíduo. **Objetivo:** esse estudo tem como objetivo relatar a experiência de estudantes de Enfermagem em uma ação de promoção da saúde. **Metodologia:** a atividade teve abordagem descritiva e qualitativa, envolvendo aplicação de questionários, aferição de pressão arterial e glicemia capilar, além de orientações educativas sobre autocuidado e hábitos saudáveis, realizada por estudantes de enfermagem, valorizando a escuta ativa e atividades educativas, validando o aprendizado contínuo. **Resultados e discussão:** os resultados demonstraram boa receptividade do público, maior conscientização sobre os riscos das Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT) e estímulo à busca por acompanhamento nas Unidades Básicas de Saúde, garantindo adesão à temática. Logo, tendo em vista a importância da mesma, o presente trabalho ressaltou e realizou atividades educativas na intenção de priorizar e direcionar o público-alvo, tendo como produto final a satisfação e reconhecimento. **Considerações finais:** a ação evidenciou o papel fundamental da educação em saúde no enfrentamento dessas doenças e destacou a importância do envolvimento da Enfermagem em estratégias comunitárias de prevenção e cuidado.

Palavras-chave: Saúde Pública; Enfermagem; Doenças Crônicas.

¹Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0002-6918-7582>.

²Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-5493-2611>.

³Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0001-1369-7543>.

⁴Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0001-3010-2337>.

⁵Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0003-8715-0537>.

⁶Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-8580-5463>.

⁷Docente do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0000-0001-8294-298X>.

INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) têm se tornado um dos maiores desafios para a saúde pública no Brasil, especialmente devido ao aumento expressivo das condições que as caracterizam, como a hipertensão arterial sistêmica (HAS) e o diabetes mellitus (DM). Dados recentes indicam que a HAS afeta uma parcela significativa da população adulta, enquanto o DM apresenta uma crescente prevalência associada ao envelhecimento populacional e às mudanças no estilo de vida (Brasil, 2021). Essas condições, de manifestação silenciosa e progressiva, impõem um impacto epidemiológico e econômico significativo.

Estudos nacionais apontam que a hipertensão arterial possui uma etiologia multifatorial, envolvendo fatores comportamentais, como sedentarismo, consumo excessivo de sódio e baixa ingestão de frutas e vegetais, além de aspectos genéticos. O monitoramento regular e a promoção de hábitos saudáveis são estratégias essenciais para a prevenção e o controle da HAS. Paralelamente, o diabetes mellitus, cuja incidência tem sido impulsionada pelo aumento da obesidade e da inatividade física, também requer atenção especial, visto que hábitos alimentares inadequados (Silva *et al.*, 2023).

A coexistência de HAS e DM é especialmente preocupante, pois a associação dessas doenças potencializa os riscos de complicações graves, como eventos cardiovasculares, insuficiência renal e acidentes vasculares cerebrais, ressaltando a necessidade de uma abordagem clínica eficaz. Pesquisas recentes indicam que pacientes acometidos simultaneamente por HAS e DM apresentam maior morbimortalidade, reforçando a importância de estratégias que envolvam tanto o controle medicamentoso quanto a educação para a saúde (Brasil, 2021).

Nesse contexto, a educação em saúde surge como uma ferramenta indispensável para o manejo dessas condições crônicas. Iniciativas desenvolvidas na atenção primária, através de programas educativos e ações de promoção do autocuidado, têm demonstrado resultados positivos na melhoria dos indicadores clínicos e na redução das complicações decorrentes da HAS e do DM (Brasil, 2021; 2022).

Ao promoverem a participação ativa dos pacientes e de seus familiares, tais intervenções facilitam a adesão às práticas terapêuticas e incentivam a adoção de comportamentos mais saudáveis, contribuindo para a diminuição dos impactos socioeconômicos das DCNT. Ademais, a integração entre as ações de vigilância em saúde e as políticas públicas voltadas para o enfrentamento dos fatores de risco tem se mostrado crucial

para a redução das disparidades regionais e socioeconômicas observadas no Brasil (Ferreira *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de estudantes do curso de Enfermagem na condução de atividades educativas voltadas para o manejo da hipertensão arterial e do diabetes mellitus. Dessa forma, busca-se evidenciar os desafios enfrentados pelos pacientes, bem como a relevância das estratégias de promoção da saúde como forma de enfrentamento das DCNT. Além disso, compreender e direcionar aqueles que não se enquadram nos grupos, a manter ou adotar uma rotina adequada como forma de precaução quando se trata das doenças crônicas (Rampetto *et al.*, 2022).

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um relato de experiência que descreve uma vivência na realização de um Círculo de Cultura que é um método criado por Paulo Freire onde utiliza o diálogo como meio de construção de conhecimento. É um relato de natureza descritiva com abordagem qualitativa, realizada em uma praça pública localizada em um município do interior cearense. A ação foi direcionada ao público presente na praça, com o objetivo de promover educação em saúde, autocuidado e uma rotina adaptada a essas comorbidades (Lima *et al.*, 2025)

A intervenção ocorreu no mês de maio de 2025, sendo previamente agendada com um enfermeiro do município. A atividade foi estruturada em quatro momentos principais. Inicialmente, um dos colaboradores abordava uma pessoa na praça, onde conversava sobre a temática e pedia para que o mesmo respondesse um questionário estruturado, denominado questionário de acompanhamento para pacientes com hipertensão e diabetes, com objetivo de identificar comportamento relacionados à adesão ao tratamento, estilo de vida, autocuidado e acesso à informações em saúde.

O questionário continha as seguintes perguntas objetivas de múltipla escolha: 1- Você já foi diagnosticado com hipertensão ou diabetes? 2- Com que frequência você mede sua pressão arterial e/ou sua glicemia? 3- Você faz uso regular da medicação prescrita para controle da pressão arterial ou diabetes? 4- Como está a sua alimentação atualmente? 5- Você pratica alguma atividade física regularmente? 6- Você já participou de alguma palestra, grupo de apoio ou orientação sobre hipertensão ou diabetes? 7- Quais dificuldades você enfrenta para cuidar da sua saúde? As respostas eram registradas no próprio questionário e com base nelas será feita uma análise qualitativa descritiva.

Em seguida, o entrevistado era direcionado ao ponto de apoio, onde eram realizadas as verificações da pressão arterial e glicemia capilar. No local, havia outros colaboradores da equipe que eram responsáveis por prestar apoio ao entrevistado e realizar os procedimentos. De início o mesmo era acolhido por um dos colaboradores, que explicava as etapas que seriam realizadas posteriormente. Para aferição da pressão arterial foi utilizado esfigmomanômetro manual, com o entrevistado em repouso.

Em seguida, era feita a verificação da glicemia capilar com o glicosímetro, foram usadas lancetas descartáveis e feita a higienização adequada no local da punção. Todos os procedimentos realizados seguiram as normas de biossegurança. Logo, após a realização dos procedimentos, os colaboradores avaliavam os resultados e caso identificassem valores fora dos parâmetros normais, o entrevistado recebia as orientações necessárias, podendo ser uma indicação para um acompanhamento médico ou recomendação de cuidados básicos, como adesão a uma dieta equilibrada e prática de exercícios físicos regularmente.

Ao final, era realizada a entrega de brindes contendo panfleto que dispunha de informações acerca da temática, o que é hipertensão e diabetes, fatores de risco, como prevenir e quais os principais sintomas, bem como a entrega de escalda-pés, preparados com ervas naturais utilizadas na terapêutica destas doenças.

Durante a abordagem, utilizou-se uma linguagem acessível para orientar sobre a temática. Os entrevistados foram incentivados a compartilhar experiências e esclarecer dúvidas. Os dados da atividade foram registrados por meio de observação direta, com foco na receptividade dos entrevistados, na interação durante a ação e na percepção geral sobre a mesma.

RESULTADOS

A ação de promoção à saúde realizada em praça pública gerou resultados que ultrapassaram a dimensão da atividade pontual. A participação ativa dos moradores indicou não apenas receptividade, mas também engajamento com os temas abordados, especialmente no que se refere à hipertensão arterial sistêmica (HAS) e ao diabetes mellitus (DM). Os participantes demonstraram interesse genuíno durante as orientações, com perguntas pertinentes e relatos espontâneos relacionados à própria saúde.

A receptividade do público foi notável, manifestada pelo grande número de indivíduos que se aproximaram voluntariamente do ponto de apoio e pela permanência durante as orientações. A metodologia, que priorizou a escuta ativa e uma linguagem acessível, facilitou

o diálogo, incentivando os participantes a exporem dúvidas e compartilhem suas próprias experiências com a HAS e o DM, o que demonstrou um interesse genuíno e engajamento com os temas.

Verificou-se, ao longo das interações, um aumento na conscientização sobre a importância do autocuidado. Um número expressivo de participantes verbalizou a intenção de procurar acompanhamento em Unidades Básicas de Saúde (UBS) após o evento, buscando dar continuidade ao cuidado em saúde. Este resultado sinaliza uma mudança de postura relevante, indicando que a informação compartilhada na ação, aliada à metodologia de escuta ativa e à interação direta, contribuiu para fortalecer o vínculo entre a comunidade e os serviços da atenção primária, facilitando o acesso e a adesão a tratamentos e acompanhamentos essenciais.

Ainda que o foco principal da atividade estivesse voltado para a HAS e o DM, a aplicação do questionário e as interações espontâneas revelaram um dado interessante: a presença de indivíduos que relataram histórico de abandono do tabagismo e do consumo excessivo de álcool. Esses relatos, embora não diretamente investigados com profundidade, demonstraram a existência de um perfil de participantes já engajado na mudança de hábitos, reforçando o potencial de ações educativas em espaços públicos.

Essa constatação não apenas validou a metodologia de intervenção, mas também sinalizou oportunidades futuras para o desenvolvimento de abordagens mais amplas de

promoção em saúde, explorando a motivação desses indivíduos e servindo como um ponto de partida para programas de cessação e redução de danos.

A atuação do enfermeiro vinculado à UBS local contribuiu de maneira significativa para a efetividade da ação. Sua presença não apenas aumentou a credibilidade nas orientações de saúde fornecidas pelos acadêmicos, mas também permitiu a oferta de orientações mais qualificadas e individualizadas. Além disso, o profissional implementou uma estratégia crucial ao utilizar os cartões do Sistema Único de Saúde (SUS) para registrar e fortalecer o vínculo dos participantes com a rede assistencial local.

Essa abordagem permitiu, de forma prática, a inserção e o acompanhamento dos indivíduos no sistema de saúde, facilitando encaminhamentos para consultas e exames, e fornecendo orientações individualizadas que aproximaram a atividade da lógica do cuidado contínuo e integrado. Essa sinergia entre a ação pontual e a atenção primária é vital para a continuidade do cuidado de condições crônicas como a HAS e o DM.

A entrega de pequenos kits simbólicos contendo escalda-pés feitos com ervas naturais, cujas propriedades foram brevemente explicadas no momento da entrega, funcionou como um reforço à proposta de autocuidado. Esse gesto simples representou, para muitos participantes,

um incentivo concreto e memorável para manter práticas saudáveis no cotidiano, transformando um conceito de bem-estar em uma experiência prática e pessoal. A percepção dos participantes sobre o valor desses kits foi positiva, de forma a ampliar o impacto da ação para além do momento do evento e reforçando a mensagem de que o cuidado com a saúde pode ser acessível e prazeroso.

Por fim, a aplicação do questionário estruturado revelou-se uma ferramenta indispensável, fornecendo dados relevantes e quantificáveis sobre os hábitos cotidianos dos participantes. As informações coletadas incluem aspectos cruciais como padrões de alimentação, frequência da atividade física, nível de adesão ao tratamento medicamentoso para HAS e DM, e o acesso a fontes confiáveis de informação em saúde.

Esses dados permitiram não apenas um mapeamento inicial detalhado do perfil de saúde da população atendida na praça, mas também identificaram lacunas e desafios específicos enfrentados pela comunidade, como baixa adesão à atividade física regular ou dificuldade em seguir dietas restritivas.

Tais informações servirão de base sólida para o planejamento de futuras intervenções e programas de saúde, assegurando que as próximas ações sejam mais precisas, direcionadas e, conseqüentemente, mais eficazes na resposta às reais necessidades da comunidade local.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos ao longo desta ação evidenciam o grande potencial de iniciativas em espaços públicos como ferramenta eficaz de promoção da saúde. A escolha do ambiente, uma praça de livre circulação, favoreceu o acesso de diferentes perfis populacionais, ampliando o alcance da intervenção e diminuindo barreiras que comumente afastam os usuários dos serviços tradicionais de saúde.

A elevada participação, acompanhada de relatos espontâneos de interesse em buscar acompanhamento nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), aponta para um efeito positivo na percepção dos indivíduos sobre o cuidado em saúde. Essa mudança de postura, do comportamento passivo para uma atitude proativa, representa um desdobramento significativo, especialmente diante da natureza silenciosa e progressiva de comorbidades como a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM), que tem se tornado ao longo dos anos, um dos maiores desafios para a saúde pública no Brasil, com aumento expressivo de sua prevalência (Brasil, 2023).

Dados recentes indicam que a HAS afeta uma parcela significativa da população adulta

(Sousa *et al.*, 2021). O DM apresenta uma crescente prevalência associada ao envelhecimento populacional e às mudanças no estilo de vida. A educação em saúde é uma ferramenta indispensável para o manejo dessas condições crônicas. Iniciativas desenvolvidas na atenção primária, através de programas educativos e ações de promoção do autocuidado, têm demonstrado resultados positivos na melhoria dos indicadores clínicos e na redução das complicações decorrentes da HAS e do DM (Silva *et al.*, 2021).

Nesse contexto, o envolvimento de um profissional da atenção básica foi essencial para o sucesso da iniciativa. Sua presença não apenas conferiu credibilidade à ação, como também possibilitou o registro dos participantes no sistema público de saúde, favorecendo a continuidade do cuidado. Tal articulação entre ação pontual e rede assistencial reforça o papel estratégico da atenção primária como porta de entrada e coordenadora do cuidado (Bezerra *et al.*, 2024).

A aplicação do questionário estruturado possibilitou a obtenção de informações que vão além da observação imediata. Ao levantar dados sobre hábitos alimentares, prática de atividade física, adesão ao tratamento e acesso a informações em saúde, foi possível traçar um panorama da comunidade local, oferecendo subsídios objetivos para o planejamento de novas ações educativas. A prevalência e os fatores associados ao diabetes mellitus no Brasil, por exemplo, são impulsionados pelo aumento da obesidade e da inatividade física, e exigem atenção especial (Ferracin; Sousa; Ramos, 2023).

A presença de participantes que relataram mudanças prévias em hábitos nocivos, como o tabagismo e o alcoolismo, tornam evidente a importância de se considerar o contexto e os determinantes sociais da saúde nas intervenções. Esses relatos demonstram que há disposição para a mudança e que, com apoio adequado, os resultados podem ser ainda mais expressivos. A entrega de brindes com enfoque no bem-estar e no autocuidado contribuiu para a fixação das mensagens trabalhadas durante a ação. Pequenos gestos, quando bem contextualizados, funcionam como estímulos simbólicos que fortalecem o vínculo entre o indivíduo e as práticas de cuidado com a saúde.

Em síntese, a experiência relatada confirma que estratégias de educação em saúde fora do ambiente tradicional, quando bem planejadas e integradas à rede de atenção primária, são capazes de promover mudanças reais no comportamento da população. Além disso, permitem a construção de dados relevantes sobre os determinantes sociais e comportamentais em saúde, fundamentais para o aprimoramento contínuo das políticas públicas voltadas às doenças crônicas não transmissíveis (Brasil, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Enfermagem, enquanto profissão essencial no cuidado contínuo e na promoção da saúde desempenha um papel estratégico na educação e no fortalecimento do vínculo com os pacientes. Dessa forma, a ação realizada evidenciou a importância de intervenções educativas personalizadas e empáticas, que são culturalmente sensíveis para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos que enfrentam os desafios das doenças crônicas.

Logo, essas práticas fortalecem a confiança mútua entre os participantes e estudantes, promovendo adesão ao tratamento e diagnóstico precoce e contribuindo significativamente para a redução de complicações futuras, reafirmando o papel fundamental do enfermeiro na promoção da saúde integral e humanizada.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, I. I. de et al. A importância da assistência de enfermagem na atenção básica à saúde. Curitiba: **Omnis Scientia**, 2021. Disponível em: <https://editoraomnisscientia.com.br/catalogos/ciencias-da-saude/a-importancia-da-assistencia-de-enfermagem-na-atencao-basica-a-saude/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

BEZERRA, M. M. et al. O cuidado de enfermagem na abordagem às doenças crônicas não transmissíveis na Atenção Primária à Saúde. **Revista ICESP Real**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 11–20, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/6018>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dados e indicadores de saúde do Brasil: desafios e avanços**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/indicadores/2021>. Acesso em: 2 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **Relatório avanços e desafios da atenção primária à saúde: balanço das ações 2020**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/atencao-primaria/relatorio-de-avancos-e-desafios-da-aps>. Acesso em: 15 jun. 2025.

FERRACIN, L. G.; SOUSA, L. A. E.; RAMOS, A. K. S. Qualidade de vida e condições de saúde de pacientes com hipertensão arterial e diabetes mellitus. **Revista Enfermo Foco**, [S. l.], v. 14, n. 4, 2023. Disponível em: <https://enfermfoco.org/article/qualidade-de-vida-e-condicoes-de-saude-de-pacientes-com-hipertensao-arterial-e-diabetes-mellitus/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

FERREIRA, J. C. V.; MOREIRA, R. P.; FERREIRA, G. D. O.; FELÍCIO, J. F. Qualidade de vida e condições de saúde de pacientes com hipertensão arterial e diabetes mellitus. **Enferm Foco**, v. 12, n. 1, p. 125–131, 2021.

LIMA, L. G. A. et al. Aplicabilidade dos Círculos de Cultura na educação em saúde: uma

revisão integrativa de literatura. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S. l.], v. 15, n. 93, p. 14690–14706, 2025. Disponível em: <https://revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/3323>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RAMPETTO, G. F. et al. Ações educativas às pessoas com hipertensão e diabetes: trabalho do Agente Comunitário de Saúde rural. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 12, e43, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/68715>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SILVA, D. M. F. et al. Desafios e potencialidades da Atenção Primária à Saúde para o controle e tratamento do Diabetes Mellitus no Brasil. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 16560–16574, jul./ago. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/59745>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, L. A. L. B. D. et al. Adesão, barreiras e facilitadores no tratamento de hipertensão arterial: revisão rápida de evidências. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 47, e67, 2023.

SOUSA, S. A. et al. Adesão ao Tratamento Anti-Hipertensivo no Brasil: Revisão Sistemática e Metanálise. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 5, p. 1957–1969, maio 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bX4JHVGJ3LTJzms4yv6xMDJ/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2025.

VARGAS, S. G. de et al. Síndrome de burnout em tempos de pandemia: um estudo com servidores públicos. **Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 53–73, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 7 jun. 2025.

Barreiras no acesso à saúde e apoio social para cuidadores de crianças com autismo

Bianca Gessica Pinheiro¹

Francisco Cleber Gomes²

Marisa Feitosa Serra³

Yang Peixoto Macedo⁴

Luiz Gustavo Alves Lima⁵

Dailon de Araújo Alves⁶

RESUMO

Introdução: o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento marcado por déficits na comunicação e interação social, bem como comportamentos repetitivos e interesses restritos, frequentemente observados nos primeiros anos de vida. **Objetivo:** relatar uma experiência vivenciada na condução de um Círculo de Cultura sobre saúde e apoio social para cuidadores de crianças com autismo. **Metodologia:** trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, descritiva, fundamentado na metodologia do Círculo de Cultura, proposta por Paulo Freire. A atividade foi realizada em uma escola pública da zona rural de Barbalha (CE), com a participação de cuidadores, educadores e gestores escolares. **Resultados e discussão:** os resultados evidenciam as múltiplas barreiras no diagnóstico precoce, na continuidade terapêutica e no suporte oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), além da sobrecarga emocional vivenciada pelos familiares, especialmente pelas mães. Por outro lado, destaca-se o papel da escola como espaço de acolhimento e fortalecimento das redes de apoio. A troca de saberes promovida pelo Círculo de Cultura mostrou-se uma potente estratégia para o reconhecimento das vivências familiares como fonte legítima de conhecimento e para a construção coletiva de soluções. **Considerações finais:** a escuta sensível, o diálogo horizontal e a articulação entre políticas públicas são fundamentais para a promoção de uma atenção mais humanizada, acessível e inclusiva às crianças com TEA e suas famílias.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Família; Cuidadores.

¹Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0000-7609-6684>.

²Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0000-6000-0836>.

³Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-4944-6736>.

⁴Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-7113-902X>.

⁵Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-8580-5463>.

⁶Docente do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0000-0001-8294-298X>.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento marcado por déficits na comunicação e interação social, bem como comportamentos repetitivos e interesses restritos, frequentemente observados nos primeiros anos de vida. O diagnóstico precoce e o encaminhamento para terapias adequadas são fundamentais para potencializar as habilidades sociais, cognitivas e comunicativas da criança e para promover sua inclusão social (Paiva *et al.*, 2024).

No contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), observa-se que o acesso de famílias de crianças com TEA enfrenta diversos obstáculos. As principais barreiras incluem a ausência de fluxos claros entre atenção primária e serviços especializados, carência de profissionais qualificados em saúde mental infantil e longas listas de espera (Santos; Lima, 2024; Paiva *et al.*, 2024).

Adicionalmente, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) têm demonstrado fragilidade na integração de serviços e na abordagem intersetorial (Saad; Souza, 2024). A falta de articulação entre políticas de reabilitação e atenção psicossocial compromete a continuidade do cuidado e a humanização no atendimento (Oliveira *et al.*, 2017). A estruturação desses serviços é crucial, mas esbarra em limitações operacionais que resultam em atendimento fragmentado e pouco humanizado.

Além desses fatores institucionais, os cuidadores enfrentam sobrecarga emocional e impacto socioeconômico. Estudos com mães apontam que a falta de suporte psicológico, financeiro e comunitário dificulta a resiliência e o bem-estar familiar, exigindo maior articulação política e social (Ferreira Júnior, 2024).

Tais adversidades são ainda mais acentuadas em territórios com menor infraestrutura, onde a precariedade dos serviços de saúde e a escassez de profissionais especializados impedem o acesso a cuidados essenciais, perpetuando desigualdades regionais. Ademais, segundo Oliveira e Pereira (2024), as desigualdades geográficas e a insuficiência de recursos nos territórios periféricos configuram barreiras significativas ao cuidado em saúde, especialmente em populações vulneráveis.

Diante desse contexto, torna-se essencial mapear e compreender os obstáculos enfrentados pelas famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo subsídios para o fortalecimento da rede de atenção e para a garantia de um cuidado acessível, intersetorial e humanizado.

Assim, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência vivenciada na

condução de um Círculo de Cultura sobre saúde e apoio social para cuidadores de crianças com autismo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com abordagem descritiva, do tipo relato de experiência, fundamentado na realização de um Círculo de Cultura, prática pedagógica inspirada na perspectiva de Paulo Freire. Essa abordagem tem como base o diálogo horizontal e a valorização dos saberes populares, promovendo uma construção coletiva do conhecimento a partir das vivências dos participantes.

Os Círculos de Cultura, conforme Freire (1987), caracterizam-se por serem espaços de troca, nos quais todos os participantes são sujeitos do processo. Neles, ocorre um movimento de escuta ativa, problematização da realidade e fortalecimento da consciência crítica, o que se diferencia das tradicionais rodas de conversa, geralmente marcadas por interações mais superficiais.

Nos Círculos de Cultura, fala e escuta se entrelaçam em uma prática dialógica, na qual o outro é reconhecido como legítimo portador de saberes e experiências. Essa perspectiva permite que todos se sintam pertencentes e protagonistas do processo educativo. É nesse cenário que se fundamenta a ação aqui relatada, considerando sua intencionalidade político-pedagógica de gerar reflexão crítica, fortalecer o protagonismo dos sujeitos envolvidos e promover transformação social.

Dessa forma, o Círculo de Cultura foi vivenciado em uma escola situada na zona rural do município de Barbalha, no interior do Ceará, reconhecida por desenvolver práticas voltadas à educação inclusiva. A escolha da instituição deu-se pelo fato de ela contar com uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), o que evidencia seu compromisso com estratégias pedagógicas acessíveis e acolhedoras. Inicialmente, realizou-se um contato prévio com os responsáveis pela gestão escolar, com o objetivo de alinhar o melhor dia e horário para a realização da atividade. Após esse alinhamento institucional, foi elaborado um convite digital, amplamente divulgado nos grupos escolares das famílias e cuidadores, por meio dos canais de comunicação da própria escola.

A atividade aconteceu no dia 24 de abril de 2025, às 15h30, com duração aproximada de 2h30, e contou com a presença de mães, cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como profissionais da escola, como a diretora, a coordenadora pedagógica e a professora responsável pela sala de AEE, além de uma representante da secretaria municipal

de educação inclusiva. O encontro teve início com um lanche de acolhida, estratégia intencional que favoreceu um ambiente mais caloroso e propício à integração dos participantes. A presença de um grupo tão diverso enriqueceu as discussões, possibilitando a partilha de diferentes vivências, percepções e saberes sobre os desafios enfrentados no contexto escolar e familiar de crianças com TEA.

Durante o Círculo de Cultura, emergiram reflexões importantes sobre o cuidado cotidiano de crianças com TEA, especialmente no que se refere à sobrecarga emocional vivenciada pelas famílias, às barreiras persistentes no acesso aos serviços de saúde e à fragilidade da assistência ofertada pelo Estado. A escuta ativa, articulada ao diálogo respeitoso e empático, mostrou-se uma estratégia essencial, pois possibilitou o reconhecimento das narrativas dos participantes como instrumento legítimo de análise da realidade. Tais relatos permitiram não apenas a identificação de desafios, mas também o fortalecimento de estratégias de enfrentamento e redes de apoio que vêm sendo construídas coletivamente no cotidiano dessas famílias.

Ao final da atividade, foi entregue aos participantes um folder de acolhimento, elaborado com o propósito de oferecer orientações práticas sobre o autocuidado, informações relevantes sobre os direitos das pessoas com TEA, bem como mensagens de incentivo que reforçaram a importância de cuidar de si para bem cuidar do outro. O material também procurou sensibilizar quanto à necessidade de que o processo de cuidado seja permeado pela empatia, pelo respeito e pela leveza. A experiência, como um todo, teve como principal objetivo promover um espaço de troca de saberes, escuta qualificada e fortalecimento emocional, contribuindo para o enfrentamento coletivo dos desafios enfrentados por famílias atípicas e pela comunidade escolar.

RESULTADOS

Reuniu-se cerca de 20 pessoas, com idades entre 23 e 55 anos, cada uma trazendo experiências de vida distintas e perspectivas únicas. A roda de conversa foi organizada em três momentos: recepção dos participantes, escuta ativa com troca de vivências e reflexões coletivas e, por fim, entrega de folders informativos com orientações de apoio.

Esse encontro possibilitou a identificação de importantes desafios enfrentados pelas famílias e cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Entre os principais pontos relatados pelos participantes, destacam-se as barreiras no acesso aos serviços públicos de saúde, a dificuldade na obtenção do diagnóstico precoce e a limitação de

atendimentos terapêuticos continuados, especialmente para famílias que dependem exclusivamente da rede pública.

A sobrecarga emocional e física também foi evidenciada. Mães e cuidadores relataram sentimentos de exaustão e frustração diante das inúmeras responsabilidades diárias, muitas vezes enfrentadas sem apoio suficiente. Essa realidade demonstra a necessidade de suporte institucional mais efetivo para garantir qualidade de vida às famílias atípicas.

Por outro lado, foi reconhecida a importância do acolhimento escolar. Os participantes destacaram o papel fundamental da escola na oferta de práticas pedagógicas inclusivas e na existência de uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento educacional e social das crianças com TEA. Houve ainda um forte apelo à ampliação dos serviços de saúde, educação inclusiva e apoio social. O grupo ressaltou a importância de um atendimento mais humanizado, ágil e acessível, que contemple a oferta de múltiplas terapias por semana e acesso facilitado a profissionais como fonoaudiólogos, com menos burocracia e espera.

O diálogo coletivo também despertou novas percepções sobre os direitos das crianças com TEA e o papel das instituições escolares e dos cuidadores no processo de inclusão. O momento de escuta e troca foi visto como um espaço de fortalecimento mútuo, no qual os relatos pessoais aproximaram realidades e reforçaram laços de solidariedade.

Por fim, a entrega dos folders de acolhimento foi bem recebida pelos participantes. O material ofereceu orientações práticas e reforçou a importância do autocuidado, da empatia e da construção de redes de apoio que promovam o bem-estar das famílias atípicas.

DISCUSSÃO

Os dados obtidos neste estudo demonstram que os desafios enfrentados por mães e cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) estão fortemente relacionados às barreiras no acesso aos serviços de saúde, à demora na obtenção do diagnóstico e à insuficiência de atendimentos terapêuticos continuados, especialmente na rede pública.

Esses achados corroboram Alves *et al.* (2024), que destacam a fragilidade das políticas públicas no atendimento integral à pessoa com TEA, sobretudo em regiões com menor infraestrutura e carência de profissionais capacitados. Também se alinham à crítica de Delion sobre a imposição de modelos únicos de tratamento, que reduzem a pluralidade de abordagens terapêuticas e educativas possíveis (Kupfer; Voltolini, 2017) .

Além de impactarem diretamente o desenvolvimento das crianças, essas barreiras

repercutem significativamente na saúde física e emocional dos cuidadores, que frequentemente relatam sobrecarga, exaustão e frustração diante das demandas diárias. Conforme Lima *et al.* (2024), o cuidado contínuo, associado à ausência de suporte institucional e às dificuldades de acesso a atendimentos específicos, contribui para elevados níveis de autoestigma e sofrimento psíquico entre os familiares, especialmente as mães, que geralmente assumem o papel principal de cuidadoras. Isso é evidenciado em estudos como o de Misquiatti *et al.* (2015), que mostram níveis moderados a elevados de sobrecarga entre cuidadores, com implicações diretas na qualidade de vida e saúde emocional dos envolvidos.

Por outro lado, os efeitos positivos observados durante o Círculo de Cultura evidenciam a atuação de uma escola de referência situada na zona rural do município de Barbalha (CE), reconhecida por desenvolver práticas voltadas à educação inclusiva. Por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e de práticas pedagógicas inclusivas, essa escola tem se mostrado um recurso fundamental de suporte.

Tal percepção é alinhada aos achados de Felisbino e Graff (2024), que analisaram os documentos oficiais da educação brasileira e identificaram como a forma de nomear e representar o autismo pode influenciar diretamente os processos de exclusão escolar. Também se conecta à proposta de Delion (Kupfer; Voltolini, 2017), que defende a articulação entre medicina, psicologia e educação como forma de promover a constituição do sujeito, rompendo com práticas reducionistas.

Além disso, os resultados reforçam que o espaço de escuta qualificada e de troca de experiências proporcionado pelo Círculo de Cultura se configurou como uma estratégia importante de fortalecimento coletivo. Essa metodologia freiriana, que valoriza o diálogo horizontal e a escuta sensível, foi essencial para o reconhecimento das vivências como fonte legítima de conhecimento e transformação (Freire, 1987).

Em consonância, Moxotó e Malagris (2015) evidenciam que estratégias como a psicoeducação e o Treino de Controle de Estresse são eficazes na promoção da saúde mental e bem-estar das mães de crianças com TEA, auxiliando-as no enfrentamento do cotidiano e na construção de redes de apoio mais sólidas.

Nesse contexto, é importante destacar também os resultados de estudos como o de Gomes *et al.* (2017), que demonstram a eficácia da Intervenção Comportamental Intensiva realizada por meio da capacitação de cuidadores. Esse modelo de atenção pode ser um recurso viável e eficiente, especialmente em contextos onde o acesso a profissionais especializados é limitado.

Assim, torna-se evidente a necessidade de ampliação dos serviços de saúde, da

educação inclusiva e do apoio social, para que sejam construídas práticas mais humanas, acessíveis e integradas às reais necessidades das famílias atípicas. A valorização do papel das famílias como protagonistas na construção de estratégias de cuidado é fundamental para a promoção de um atendimento mais eficaz e humanizado, conforme defendem os estudos analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante dos testemunhos dos próprios professores e pais sobre a Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) na escola regular, foi possível perceber que a inclusão escolar não é apenas uma questão de adaptação física ou de suporte com recursos pedagógicos, mais também uma mudança de mentalidade e atitudes em relação à diversidade e à igualdade de oportunidades para as crianças que ali chegam.

Os resultados alcançados pelos professores e cuidadores sociais daquela escola pública da zona rural de Barbalha mostram que as políticas públicas e as práticas pedagógicas ainda enfrentam desafios grandes para garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos, especialmente aqueles com necessidades educacionais especiais.

Por isso, torna-se necessário um esforço conjunto de todos os professores e cuidadores escolares, incluindo a família e até a sociedade em geral, para superar esses desafios e tornar a escola um espaço acolhedor e inclusivo para todos.

Foram observados os esforços de toda a equipe escolar na busca por oferecer o máximo de suporte às crianças autistas da escola. A diretora demonstrou grande preocupação em conseguir mais cuidadores especializados para atender à alta demanda de crianças com transtorno do espectro autista. E segundo ela a administração pública do município na pessoa do prefeito da cidade de Barbalha tem isso como uma prioridade, e que ela deseja fazer da cidade uma referência no atendimento público às crianças com autismo.

A experiência vivenciada por nosso grupo foi enriquecedora, aprendemos muito com os cuidadores ao percebermos o quanto de paciência e insistência eles precisam ter ou fazer para ter algum progresso no dia dia com essas crianças, e o nosso sentimento foi de pequenês diante daqueles profissionais que tanto se dedicam para amenizar as dificuldades que a famílias desses alunos têm em sua rotina de casa.

Existe uma preocupação da equipe escolar com relação ao retorno dessas criança para casa, tentando orientar a família da criança com transtorno autista, para que essa família aprenda a lidar com a forma de ser de seus filhos autistas, e que busquem se adaptar em seu dia

dia e os ajudem a ter o mínimo de independência e autonomia dentro de suas casas.

Foi enriquecedor para todos nós perceber que ali naquela escola esse trabalho de professores e cuidadores têm conseguido obter muitas vitórias, assim eles chamam seus progressos com cada aluno, vitórias, e que bom ver as escolas públicas estarem dando exemplo no trato com crianças autistas.

Nossa experiência nos fez perceber que ali naquele local está em curso um grande trabalho em conjunto, que, certamente espalha bons exemplos de conquistas por meio de um árduo processo de equipe escolar comprometida com os alunos com TEA e seus familiares como peça fundamental na obtenção de resultados com essas crianças. Saímos de lá muito esperançosos e conscientes de que somente um trabalho em conjunto e comprometido entre escola e família terá frutos de melhora na qualidade de vida dessas crianças.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. R.; RIBEIRO NASCIMENTO, G. B. A. C. V.; GAMA, L. C. Políticas públicas e autismo no Brasil: desafios à implementação de estratégias inclusivas. **Filosofia Capital, Brasília**, v. 20, n. 26, p. 01–15, 2024. Disponível em: <https://www.filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/549>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FELISBINO, C.; GRAFF, P. Autismo e políticas públicas brasileiras: nomeações, representações e ausências. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 54, e10617, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980531410617>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FERREIRA JÚNIOR, M. **Percepção das mães de pessoas com transtorno do espectro autista sobre cuidados no Sistema Único de Saúde**. 2024. 179f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Orientadora: Thaiza Teixeira Xavier Nobre.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, C. G. S. et al. Intervenção comportamental precoce e intensiva com crianças com autismo por meio da capacitação de cuidadores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 23, n. 3, p. 377–390, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/VFw6H8smGqFMghsg8TRDKxK/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.

KUPFER, M. C. M.; VOLTOLINI, R. Tratar e educar o autismo: cenário político atual – entrevista com Pierre Delion. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 915–930, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/w7YGjt9MtpwgPJmqZbY5LCz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LIMA, C. V. de et al. Autoestigma em mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 36, e281976, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2024v36281976>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MISQUIATTI, A. R. N. et al. Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 192–200, jan./fev. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/3pfYytcbXMZxHhHFNfPwWHP/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MOXOTÓ, G. F. A.; MALAGRIS, L. E. N. Avaliação de treino de controle do stress para mães de crianças com transtornos do espectro autista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 772–779, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528415>. Acesso em: 16 jun. 2025.

OLIVEIRA, B. D. C. de et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 3, p. 707–726, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300017>. Acesso em: 17 jun. 2025.

OLIVEIRA, T. de S.; PEREIRA, A. M. M. Expressões das desigualdades no acesso aos serviços de saúde na América Latina: uma revisão de escopo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 7, p. e04932024, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024297.04932024>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PAIVA, L. O.; RAMOS, R. F. S.; SANTOS, R. R.; SOUZA, A. A. S. Transtorno do Espectro Autista: a trajetória, desafios, necessidades e conquistas de direitos de crianças autistas na educação básica. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e14892, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.892. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/892>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SAAD, A. P. R.; SOUZA, G. A. C. Fortalecendo sistemas de saúde inclusivos: o papel da Rede de Atenção Psicossocial no apoio a indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo no Brasil. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 28, n. 61, p. 139–155, jun. 2024. Disponível em: <https://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/revistasjrj/article/view/819>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SANTOS, E. L.; LIMA, W. S. Acesso ao diagnóstico e tratamento de crianças com TEA pelo SUS: desafios e experiências na perspectiva dos pais em Jaru, Rondônia. **Revista Acadêmica da Lusofonia**, v. 1, n. 4, p. 1–29, 2024. Disponível em: <https://revistaacademicadalusofonia.com/index.php/lusofonia/article/view/56>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Polifarmácia e abuso de medicamentos: desafios e impactos na saúde do idoso

Amanda Cristina Almeida Santos¹

Antonio Vitor Ribeiro Callou²

Emanoelly Pinheiro Freire³

Milena Barbosa dos Santos⁴

Rikelmy Neves Moreira⁵

Vitória Larissa Lucena Medeiros⁶

Luiz Gustavo Alves Lima⁷

Dailon de Araújo Alves⁸

RESUMO:

Introdução: a polifarmácia caracterizada pelo uso excessivo de medicamentos, é uma prática comum entre os idosos e pode gerar riscos significativos à saúde. **Objetivo:** relatar a experiência vivenciada por estudantes de enfermagem durante um Círculo de Cultura com idosos para abordar a temática da polifarmácia. **Metodologia:** estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado em uma Unidade Básica de Saúde no interior do Ceará. Utilizou-se a metodologia dos Círculos de Cultura de Paulo Freire em uma roda de conversa com idosos. A temática abordada foi a polifarmácia, com foco nos riscos, uso racional de medicamentos e alternativas naturais. **Resultados e discussão:** durante a atividade, discutiu-se chás medicinais como camomila, amora e hortelã, destacando seus efeitos calmantes, digestivos e antioxidantes. Os idosos relataram queixas como insônia e ansiedade, muitas vezes tratadas com múltiplos medicamentos. Houve interesse em alternativas naturais e troca de saberes entre os participantes. Observou-se um ambiente de escuta e aprendizado, com reflexões sobre o uso consciente de medicamentos. **Considerações finais:** a ação educativa proporcionou aprendizado mútuo e fortaleceu vínculos entre estudantes e idosos, mostrando-se eficaz para promover uma educação em saúde participativa, enquanto as terapias integrativas se destacaram como estratégias complementares no cuidado à saúde do idoso.

Palavras-chave: Uso de Medicamentos; Idoso; Práticas Integrativas em Saúde; Educação em Saúde; Enfermagem.

¹Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0004-6665-5904>.

²Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-5372-6837>.

³Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-6726-6814>.

⁴Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-2508-3010>.

⁵Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-2846-0766>.

⁶Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-7122-3643>.

⁷Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-8580-5463>.

⁸Docente do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0000-0001-8294-298X>.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural, inevitável, progressivo e heterogêneo, pois cada indivíduo vivencia de maneira particular. Ao longo desse ciclo, ocorrem diversas alterações no organismo da pessoa idosa, especialmente o aumento da predisposição ao desenvolvimento de doenças crônicas. Muitas dessas condições são tratadas com o uso simultâneo de múltiplos medicamentos prescritos, o que contribui para o aumento do consumo de fármacos. Ademais, o processo de senescência modifica as respostas farmacocinéticas e farmacodinâmicas aos medicamentos, podendo intensificar seus efeitos e aumentar o risco de reações adversas (Soares *et al.*, 2023).

O aumento da expectativa de vida, juntamente com a transição epidemiológica, tem contribuído para o aumento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) na população. Esse fenômeno favorece a ocorrência da polifarmácia, condição definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o uso simultâneo de cinco ou mais medicamentos, o uso de pelo menos um medicamento sem a devida prescrição médica. O uso de medicações desempenha um papel fundamental no tratamento de diversas condições de saúde. No entanto, o consumo excessivo desses fármacos representa um grande risco à saúde pública, podendo estar relacionado a uma quantidade significativa de efeitos colaterais indesejados (Spekalski *et al.*, 2021).

Considera-se que a população idosa representa em torno de 50% dos usuários de medicamentos, devido ao maior risco de desenvolver doenças crônicas, como distúrbios respiratórios e cardiovasculares, neoplasias, diabetes mellitus, entre outras. Esse quadro contribui, inevitavelmente, no predomínio de condições de saúde duradouras, resultando no aumento de medicamentos pelos idosos, contribuindo para a prática da polimedicação, além de que indivíduos com mais de 60 anos apresentam maior vulnerabilidade à perda de doses ou a erros na administração dos medicamentos, o que pode prejudicar no uso de medicação (Andrade *et al.*, 2024).

A expansão do marketing e da indústria farmacêutica pode influenciar o aumento das prescrições médicas, contribuindo para a disponibilidade de fármacos no comércio e favorecendo a polifarmácia. Além disso, a automedicação é uma preocupação relevante nessa faixa etária, muitas vezes impulsionada por recomendações do meio midiático, familiares ou amigos, colaborando o risco de interações medicamentosas e reações adversas, comprometendo assim a segurança do paciente. Diante desse cenário desafiador, a assistência de enfermagem torna-se essencial para a promoção da saúde, prevenção de doenças e

qualidade de vida dos idosos, contribuindo para melhores desfechos clínicos e o uso racional dos medicamentos (Cavalcanti *et al.*, 2022).

Defronte a relação entre o avanço da acessibilidade aos serviços de saúde e a polimedicação, a Atenção Primária à Saúde (APS) enfrenta o desafio de garantir que o uso de múltiplos fármacos seja de forma segura e adequada. A colaboração entre profissionais é essencial, pois coopera para a diminuição da prescrição de medicamentos e a prevenção de interações medicamentosas, promovendo um uso mais racional e seguro dos fármacos. Além disso, o idoso requer uma abordagem diferenciada por parte dos profissionais de saúde da APS. É fundamental garantir uma farmacoterapia segura e adequada, considerando as indicações, dosagens, possíveis interações e contraindicações de cada medicamento utilizado, a fim de minimizar riscos e otimizar os benefícios do tratamento (Andrade *et al.*, 2020).

Outrossim, no contexto da APS, o enfermeiro desempenha um papel importante na promoção do uso racional de medicamentos entre a população idosa. Sua atuação inclui a orientação e educação em saúde sobre os riscos do uso inadequado de fármacos sem prescrição, além de conscientizar os pacientes sobre a importância do consentimento médico para qualquer alteração na terapia medicamentosa. Além disso, o enfermeiro deve assegurar o correto aprazamento dos medicamentos, alinhando-os à prescrição e à alimentação do paciente, contribuindo para um uso apropriado do fármaco (Eberhardt *et al.*, 2023).

Portanto, o presente estudo tem o objetivo relatar uma experiência vivenciada por estudantes de enfermagem durante uma ação educativa em saúde com idosos através do Círculo de Cultura, abordando a temática da polifarmácia.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa, referente a um projeto de intervenção sobre a polifarmácia na saúde do idoso. A ação educativa foi realizada em parceria com duas Estratégias de Saúde da Família (ESF), que funcionam no mesmo polo, situadas em um município brasileiro do estado do Ceará, por discentes do curso de enfermagem, em abril de 2025, tendo como público alvo os idosos atendidos por essas unidades.

A ação foi desenvolvida com base no Círculo de Cultura de Paulo Freire, que visa estimular a autonomia e a reflexão crítica, almejando-se que com base nas informações apresentadas, o próprio participante consiga identificar aquele problema em seu cotidiano, os malefícios de tais práticas e refletir sobre os riscos e suas opções (Lima *et al.*, 2025).

A ação foi desenvolvida através de uma roda de conversa com os idosos, promovendo a troca de experiências sobre o uso de medicamentos e destacando os malefícios da polifarmácia. Durante o encontro, foram apresentados diversos tipos de chás como alternativas terapêuticas naturais para reduzir a automedicação.

Como material de apoio, foi elaborado por um estudante de enfermagem um folder educativo, utilizando tons de verde e uma paleta de cores suaves, visando transmitir tranquilidade e bem-estar. O folder continha imagens ilustrativas e informações acessíveis sobre os riscos da polifarmácia, dicas para o uso racional de medicamentos e sugestões de terapias alternativas, como o uso de chás medicinais. Este material serviu como suporte visual durante a roda de conversa e foi entregue aos participantes para consulta posterior.

Ao final da roda de conversa, os discentes distribuíram uma seleção de chás medicinais, cada um acondicionado em embalagens personalizadas com rótulos identificando as plantas utilizadas. Entre os chás oferecidos, destacam-se os de camomila, erva-cidreira, hortelã e folha de amora. Essa iniciativa teve como objetivo incentivar a adoção de hábitos saudáveis e promover a reflexão sobre o uso consciente de medicamentos, apresentando alternativas naturais e acessíveis para o cuidado da saúde.

RESULTADOS

A ação educativa foi realizada com a colaboração de oito idosos vinculados em duas Estratégias da Saúde da Família (ESF). A roda de conversa teve como objetivo principal a polifarmácia nos idosos, sendo desenvolvido segundo a metodologia do Círculo de Cultura, proposto por Paulo Freire, que favorece a busca ativa e a troca de conhecimentos realizando assim um diálogo paralelo com troca de ideias entre os ouvintes e apoiadores.

Durante a atividade, os envolvidos relataram experiências pessoais com relação ao uso constante de inúmeros medicamentos, destacando-se que a maioria deles fazia uso de quatro a cinco fármacos diariamente, em sua maior parte voltados para o controle de doenças crônicas, como dores articulares, diabetes mellitus e hipertensão arterial sistêmica. Atentou-se que grande quantidade dos ouvintes não tinha conhecimentos sobre nomes e horários corretos além de utilizarem fármacos indicados por amigos/vizinhos ou familiares sem uma orientação correta ou adequada.

Os acadêmicos de enfermagem ofereceram orientações simples e compreensíveis sobre os perigos de se automedicar, possíveis interações medicamentosas, reações adversas e seus efeitos da polifarmácia na saúde do idoso. Foram apresentadas formas alternativas naturais,

como o uso de chás com propriedades terapêuticas, de modo que complemente o tratamento, ressaltando a importância da consulta prévia a um profissional da saúde antes da automedicação.

Ao final da roda de conversa, os participantes demonstraram interesse e receptividade ao conteúdo abordado, relatando maior compreensão sobre a importância da consciência sobre a temática abordada. Os chás distribuídos simbolizam não apenas uma forma alternativa de medicação alternativa, mas também um gesto de valorizar e de agradecimento pela participação dos idosos ali presentes.

A roda de conversa permitiu aos acadêmicos de enfermagem uma vivência relevante no campo da educação em saúde, lembrando o papel do enfermeiro na promoção do cuidado integral e no confronto à polifarmácia presentes nos idosos. Além disso, ressaltou-se a importância do diálogo contínuo com a população idosa fortalecendo a adesão ao tratamento seguro do paciente já que são um público vulnerável e resistente a seus próprios conhecimentos ou saberes.

DISCUSSÃO

A educação em saúde desenvolvida em formato de círculo de conversa com idosos evidenciou a importância de práticas educativas na promoção do uso racional de medicamentos. Os relatos demonstraram que a polifarmácia é uma realidade presente e preocupante entre a população mais velha, muitas vezes associada à ausência de orientação adequada sobre o uso dos fármacos e ao hábito da automedicação (Soares *et al.*, 2023).

Notou-se que a maioria dos idosos faz uso contínuo de variados fármacos prescritos para o controle de doenças crônicas, o que está em consonância com dados da literatura, que apontam que essa faixa etária representa cerca de 50% dos consumidores de medicamentos no país (Cabral *et al.*, 2021). Além disso, o uso de medicamentos sem prescrição, motivado por recomendações de familiares ou vizinhos, reforça a necessidade de ações educativas frequentes na Atenção Primária à Saúde (APS).

A atuação do profissional de enfermagem no âmbito da APS revelou-se de grande importância para fomentar a educação em saúde, esclarecer questionamentos e orientar

adequadamente sobre o uso correto dos medicamentos, possíveis interações medicamentosas e os perigos da automedicação. Conforme destacado por Eberhardt *et al.* (2023), o enfermeiro exerce um papel essencial na promoção da segurança no uso de medicamentos entre os idosos, por meio de atividades educativas, monitoramento do

tratamento e organização adequada dos horários de administração dos remédios, de acordo com a rotina individual de cada paciente.

Adicionalmente, a atividade proporcionada pelos acadêmicos de enfermagem é um momento enriquecedor de prática e reflexão sobre o cuidado centrado na pessoa idosa, sensibilizando-os para a complexidade que envolve o uso de medicamentos nesse público. A intervenção também evidenciou como é importante o trabalho em equipe, pois o cuidado com os idosos depende da união e colaboração de todos os envolvidos nesse processo (Andrade *et al.*, 2020).

Portanto, as práticas educativas em saúde promovem o empoderamento dos indivíduos, contribuindo para mudanças de comportamento e fortalecimento da autonomia no cuidado com a própria saúde (Freire *et al.*, 2020), fortalecer o vínculo entre usuários e profissionais de saúde e ampliar o acesso à informação especializada, influenciando diretamente na melhoria da qualidade de vida da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da roda de conversa com idosos sobre a polifarmácia demonstrou a relevância de ações educativas na promoção do uso racional de medicamentos na terceira idade. A atividade permitiu a construção de saberes por meio do diálogo, promovendo reflexões sobre as práticas cotidianas de uso de fármacos e revelando vulnerabilidades comuns como a automedicação e a falta de orientação adequada. Também evidenciou o potencial transformador da educação em saúde, especialmente fundamentada em metodologias participativas, como o Círculo de Cultura.

A atuação dos acadêmicos de enfermagem neste contexto não apenas contribuiu para o fortalecimento dos conhecimentos dos participantes, mas também proporcionou uma vivência significativa de cuidado humanizado. Como discutido, o papel do enfermeiro na atenção primária à saúde é essencial para o acompanhamento seguro nos tratamentos farmacológicos, sobretudo entre os idosos, que são um grupo particularmente suscetível aos riscos da polifarmácia.

Dessa forma, a experiência relatada reforça a importância de integrar ações educativas às estratégias de cuidado na APS, reconhecendo o idoso como protagonista do seu processo de saúde e estimulando práticas que promovem a autonomia, segurança e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, N. de O.; ALVES, A. M.; LUCHESI, B. M.; MARTINS, T. C. R. Polimedicação em adultos e idosos cadastrados na Estratégia Saúde da Família: associação com fatores sociodemográficos, estilo de vida, rede de apoio social e saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2462, 2020. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2462>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- ANDRADE, R. C. de et al. Polifarmácia, medicamentos potencialmente inapropriados e a vulnerabilidade de pessoas idosas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 27, p. e230191, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.230191.pt>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- CAVALCANTI, R. D. S.; RODRIGUES, E. D. da S.; SILVA, E. R. M. Polimedicação em idosos e a importância do cuidado farmacêutico / Polimedicação no idoso e a importância da atenção farmacêutica. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.], v. 2, p. 15115–15126, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44612>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- SILVA, E. M. A.; SARAIVA AGUIAR, R. Fatores relacionados à polimedicação em idosos e a segurança do paciente: uma revisão integrativa. **Nursing (Edição Brasileira)**, [S. l.], v. 23, n. 265, p. 4127–4140, 2020. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/622>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- EBERHARDT, E. da S. Factors associated with polymedication in elderly care in primary health care / Fatores associados à polifarmácia em idosos atendidos na atenção primária à saúde. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 15, p. e12326, 2023. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/12326>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- FONSECA, S. C.; BUENO, R. G. C. **Uso inadequado de medicamentos pelo idoso: os riscos da polifarmácia**. In: SIMPÓSIO DE SAÚDE DO IDOSO DA FACULDADE FACIMP|WYDEN, 1., 2018, Imperatriz. Anais [...]. Imperatriz: FACIMP|Wyden, 2018. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/httpsdoitycombri-simposio-de-saude-do-idoso-da-facimpwyden-isi-mposiodesausedoidosodafacimpwyden/trabalho/53034>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- FONTANA, R. T.; JUNIOR, J. A. B.; RODRIGUES, F. C. P.; GRAUBE, S. L. Desafios e tendências na atuação dos empreendedores digitais da área da enfermagem. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e851, 2025. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/851>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- FREIRE, Renata M. et al. Práticas educativas em saúde e promoção da autonomia no contexto da atenção primária. **Revista de APS**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 320-327, 2020. Disponível em: <https://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/3587>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LEITE, I. M. de O. et al. Quais condições se associam à polifarmácia em uma população geriátrica? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 27, p. e230242, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.230242.pt>. Acesso em: 30 mar. 2025.

LIMA, L. G. A. et al. Aplicabilidade dos Círculos de Cultura na educação em saúde: uma revisão integrativa de literatura. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S. l.], v. 15, n. 93, p. 14690–14706, 2025. Disponível em: <https://revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/3323>. Acesso em: 30 mar. 2025.

LLOYD-SHERLOCK, P.; GIACOMIN, K.; CARVALHO, P. F. de; SEMPÉ, L. Programa Maior Cuidado: uma intervenção integrada de base comunitária para idosos. Washington, D.C.: **Banco Interamericano de Desenvolvimento**, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18235/0005535>. Acesso em: 30 mar. 2025.

OLIVEIRA, P. C. de et al. Prevalência e fatores associados à polifarmácia em idosos atendidos na Atenção Primária à Saúde em Belo Horizonte-MG, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1553–1564, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.08472019>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PIRES, R. de C. C.; LUCENA, A. D.; MANTESSO, J. B. de O. Atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde (APS): uma revisão integrativa da literatura. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, [S. l.], v. 12, n. 37, p. 107–114, 2022. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/600>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SOARES, G. G.; PRADA, I. A. G.; CAETANO, M. D.; NICOLUSSI, A. C. Perfil medicamentoso e frequência de polifarmácia em idosos de uma Unidade Básica de Saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. e71311, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuernj/article/view/71311>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SPEKALSKI, M. V. dos S. et al. Prevalência e fatores associados à polifarmácia em pessoas idosas de uma área rural. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 24, n. 4, p. e210151, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562021024.210151>. Acesso em: 30 mar. 2025.

Espiritualidade como caminho terapêutico na reabilitação de homens em dependência química: relato de experiência

Antônio Wesley Lemos de Morais¹
Moises Henrique Felipe²
Gislayne Ferreira dos Santos³
Maria Fernanda Rodrigues Pereira⁴
Lucas Vinicius Lucena dos Santos⁵
Luiz Gustavo Alves Lima⁶
Dailon de Araújo Alves⁷

RESUMO

Introdução: o surgimento de casas religiosas com foco em retirar pessoas com dependências a substâncias lícitas e ilícitas vem ganhando força na atualidade, pois se trabalhar espiritualidade em pessoas com vulnerabilidades vem obtendo-se resultados positivos ao tratamento da abstinência a substâncias químicas. **Objetivo:** relatar uma experiência vivenciada em uma casa de apoio a homens com dependências químicas por acadêmicos de enfermagem, por meio de Círculo de Cultura, visando refletir os benefícios da religiosidade no processo de reabilitação. **Metodologia:** estudo do tipo relato de experiência, aplicado através de um Círculo de Cultura, mediado por estudantes de enfermagem a partir de perguntas geradoras, associadas a uma escuta ativa dos moradores, desenvolvido em abril de 2025. **Resultados e discussão:** a ação foi realizada com ênfase na escuta ativa, a fim de obtenção de relatos sobre a contribuição de uma instituição e vivência religiosas na recuperação da abstinência. **Considerações finais:** o exercício da religião e da espiritualidade são de evidencial importância na terapêutica de vícios em substâncias químicas e no incentivo da busca e interesse pela recuperação.

Palavras-chave: Espiritualidade; Acolhimento; Vulnerabilidade Social; Cura pela Fé.

¹Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0002-3116-0800>.

²Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0004-9376-0064>.

³Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0009-1626-045X>.

⁴Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0000-1033-1821>.

⁵Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0004-1140-0234>.

⁶Discente do curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0009-0007-8580-5463>.

⁷Docente do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, <https://orcid.org/0000-0001-8294-298X>.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a jornada de cuidados de enfermagem e a religiosidade vêm trabalhando lado a lado na busca pela assistência integralizada, na qual procuram atender não só o físico mas também o campo espiritual, visando entender como a espiritualidade afeta física, social e psicologicamente esses pacientes (Santos *et al.*, 2021).

O conceito de espiritualidade é abstrato, envolvendo significados, propósitos e valores humanitários, adentrando as questões de como o ser humano se propõe ao amor, compaixão, empatia, responsabilidade, cuidado, sabedoria, entre outras questões, que se ligam à busca por se aproximar ao sagrado ou onipotente, seguindo suas crenças, práticas, símbolos e representações (Tavares *et al.*, 2018).

Por sua vez, a religião ocupa um lugar na história da organização e assistência à saúde, na formação de pensamentos e nas atitudes tomadas diante das possíveis situações durante a assistência. As práticas de amor e fraternidade, mudam a sociedade e a evolução do profissional de enfermagem, incentivando a maneira do cuidar. É necessário a compreensão da espiritualidade para um melhor atendimento ao usuário. Dessa maneira evidencia-se formas de inclusão para uma melhor abordagem (Oliveira *et al.*, 2023).

Portanto, a relação entre religiosidade e saúde é antiga e influenciada por aspectos culturais, especialmente na tradição judaico-cristã, onde a doença e a cura eram vistas como reflexos da vontade divina. Ademais, acreditava-se que a obediência às leis de Deus trazia saúde, enquanto o descumprimento resultava em enfermidades. Com o tempo, essa visão se manteve presente no imaginário popular, levando muitas pessoas a associarem sua condição de saúde à intervenção divina.

Não obstante na área da psiquiatria, essa conexão entre religião e saúde mental gerou debates sobre a diferença entre experiências espirituais e transtornos mentais. Jackson e Fulford (1997) destacam a importância de diferenciar esses fenômenos, o que levou a mudanças no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), da American Psychiatric Association. Essas alterações ajudaram a evitar que crenças e práticas religiosas fossem erroneamente classificadas como sintomas de doenças mentais, reforçando a necessidade de um olhar mais sensível e humanizado na abordagem da saúde (Faria; Seidl, 2005).

Diante dessas premissas, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência vivenciada por acadêmicos de enfermagem em Círculo de Cultura em uma casa de apoio a homens com dependências químicas, visando refletir os benefícios da religiosidade no processo de reabilitação.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, de abordagem qualitativa, vivenciado por discentes do curso de enfermagem, desenvolvido por meio de uma visita e realização de um Círculo de Cultura numa casa de acolhimento a pessoas em situação de dependência química e alcoólica situada na região sul do estado do Ceará, no dia 25 de abril de 2025.

A metodologia dos Círculos de Cultura, criada por Paulo Freire, mesmo sendo uma desenvolvida inicialmente para alfabetização de adultos, tem se mostrado bastante versátil como componente metodológico em pesquisas de abordagem qualitativa em diversas áreas, tendo como principais características a linguagem e a dialogicidade frente à experiência do cotidiano e à problematização de conhecimentos que possam ocasionar mudanças sociais (Nepomuceno *et al.*, 2019).

O desenvolvimento do Círculo de Cultura pode ser realizado em três etapas: 1) o levantamento do universo vocabular, onde é empregada a escuta ativa a fim de compreender vocabulário, conhecimentos e experiências do grupo participante; 2) a tematização, onde ocorre a codificação e decodificação dos temas e palavras geradoras buscando despertar o interesse do grupo e promover a reflexão da sua realidade; 3) a problematização, que, mediado pela reflexão e o conjunto possibilita a análise crítica buscando uma transformação na realidade vivida (Borges *et al.*, 2022).

A primeira etapa do trabalho foi a confecção de perguntas geradoras que norteariam e conseguissem as respostas esperadas diante da rotina e crenças dos moradores, a saber: “Como a fé e a vivência aqui têm ajudado no seu processo de recuperação?”; “Nas crises de abstinências, como a religiosidade e a crença te fortalece ou te conforta?”; “Você já participou de alguma atividade religiosa durante o acolhimento? Que impacto teve? O que mais ajudou na sua caminhada?”; “De que forma a espiritualidade pode influenciar suas escolhas no dia a dia?”; “Quais valores ou ensinamentos religiosos você acha que mais ajudam no enfrentamento da dependência química?”; “Você acredita que a religiosidade ajuda a reconstruir relações familiares ou sociais? Por quê?”.

Por conseguinte, foi alinhada com os responsáveis uma visita presencial ao local, a fim de promover um momento de escuta ativa e compreensão das vivências dos acolhidos com base nas perguntas geradoras.

A casa, é destinada ao acolhimento de pessoas do sexo masculino, com vícios em

álcool e outras drogas, trabalhando com regras evangélicas e cronograma de atividades para o cotidiano. Dentre as ocupações de rotina eles vivenciam práticas religiosas diárias, como: meditação do evangelho, Terço Mariano e da Misericórdia, realizam atividades físicas, produção de artesanato e móveis, bem como, práticas de convivência envolvendo higienização da casa, trabalhos de jardinagem e de cuidados com os animais. A sustentação é dada através de doações esporádicas, sem ajudas filantrópicas. O diálogo contou com a participação de 07 pessoas, classificadas como “filhos” pela instituição, com faixa etária entre 32 a 48 anos, com vícios voltados a álcool, crack, LSD (doce), maconha, cocaína e cigarro.

O objetivo da instituição é ofertar esse acolhimento temporário para reabilitação e a busca pela reinserção social mediante uma resposta positiva do acolhido. A subcategoria dos Fatores de Proteção destaca a importância de dar continuidade ao processo de tratamento, especialmente na etapa da reinserção social, considerada crucial para evitar recaídas entre os dependentes químicos (Souza *et al.*, 2016). A reinserção é parte fundamental na vivência desses homens.

RESULTADOS

Em uma primeira abordagem, observou-se certo receio dos moradores com a chegada dos membros da equipe, apresentaram resistência para conversar, mas ao decorrer da ação, os mesmos começaram a participar do momento e a relatar as suas experiências, vivenciadas dentro da casa. Durante suas falas, foi possível notar o relato de inverdades por parte de alguns integrantes, bem como a presença de hipérbole em suas exposições, situações essas que puderam ser contornadas apenas com a presença de um dos coordenadores da casa. Após a interseção, conseguiu-se uma maior entrega e a obtenção de respostas mais sólidas e mais detalhadas acerca da temática abordada e da vivência na casa.

Inicialmente, os integrantes ali presentes mascaravam o real motivo de serem acolhidos na casa, substituindo por algum outro problema mais comum dentro da sociedade, como o consumo exagerado de álcool, problemas internos com a família ou algum transtorno mental. Com o manejo da equipe, o diálogo respeitoso e a escuta atenta, foi possível construir um espaço de confiança, onde todos se sentiram à vontade para compartilhar as suas opiniões, experiências e sentimentos.

O que iniciou de forma hesitante, se transformou em um momento rodeado de troca e conexão entre os presentes, fato demonstrado através da iniciativa dos moradores de oferecer um café da tarde e na entrega de presentes – frutos dos trabalhos artesanais que eles mesmos

produzem aos integrantes da equipe. Lembranças simples, mas cheias de significado, que reforçaram o laço criado ao longo da conversa que tivemos, em senso comum. Mediante ao Círculo de Cultura, conseguimos evidenciar os impactos positivos que a religião traz a vida desses homens, onde muitos perderam o foco nos seus objetivos ou perderam suas famílias e acabaram por adentrar nas drogas como uma espécie de válvula de escape.

A casa para esses filhos é uma nova oportunidade de voltar a sociedade, onde por meio das atividades desenvolvidas, é possível dar novos significados e conceitos como; o perdão, seguir os mandamentos de Deus, o hábito de rezar, cuidar da natureza (cultivar) e acima de tudo ter fé que o senhor Deus os ajudará com os sintomas da abstinência e que consigam retornar para as suas famílias.

A partir dos relatos obtidos, um testemunho destacou enfrentamento de inúmeras tentações relacionadas ao uso de substâncias ao sair da casa, demonstrando o alicerce que a instituição representa na luta contra os vícios, o impacto significativo da organização para a continuidade da sobriedade e evidenciando como a espiritualidade pode indicar um ponto de partida fundamental para a cura e o recomeço.

Os dependentes de drogas mostram melhores resultados na recuperação quando o tratamento envolve uma abordagem espiritual, independentemente de sua origem, em comparação com aqueles que recebem apenas tratamento médico (Sanchez; Nappo, 2006).

DISCUSSÃO

Existem várias instituições que acolhem dependentes químicos através de iniciativas religiosas e sociais, desempenhando essas ações sociais combinadas, utilizando-se de doutrinas moralistas religiosas (Ribeiro; Minayo, 2015).

Para alguns, recorrer a Deus é como se fosse a única saída, apresentando uma devoção exacerbada em diversos âmbitos da vida após as vivências religiosas. Tal convívio disciplinado pela palavra de Deus é expressa como uma oportunidade de “nascer de novo” (Bardi; Garcia, 2022).

O processo de recuperação de pessoas em situação de dependência química exige, além de um tratamento clínico, um aparato emocional e espiritual. A partir do presente trabalho foi possível notar que a instituição apresentada tem demonstrado, na prática e por meio da fé, que um projeto terapêutico comprometido com a dignidade humana e conduzido por meio da solidariedade, acolhimento, amor ao próximo, escuta e devoção possibilita a transformação de vidas.

O respeito à autonomia e à liberdade é um princípio fundamental que deve ser equilibrado com políticas de prevenção, redução de danos, reinserção social e assistência aos dependentes químicos (Nery Filho *et al.*, 2009). A dependência química é compreendida como uma doença segundo o discurso médico e está inserida em uma política pública de saúde que busca tratar usuários de álcool e outras drogas com foco na abstinência, incluindo um discurso que envolve marginalidade e reabilitação social (Benneli, 2022).

Baseada em princípios cristãos, a casa oferece não somente cuidados e abrigo, mas também oportuniza o reencontro com Deus e consigo mesmo. Um acompanhamento responsável e fraterno, aliado à espiritualidade, tem se mostrado uma poderosa ferramenta na reconstrução de histórias protagonizadas pela exclusão, pela dor e pelo abandono. As intervenções e tratamentos direcionados à reabilitação psicológica visam apoiar o indivíduo para que ele se torne mais integrado socialmente, além de promover sua felicidade e realização pessoal (Benelli, 2024).

Pacientes com dependência química apresentam melhores resultados na recuperação quando seus tratamentos incluem uma abordagem espiritual, independentemente da tradição religiosa, em comparação com tratamentos exclusivamente médicos (Sanchez; Nappo, 2006).

Os dados analisados indicam que a espiritualidade é uma dimensão essencial a ser incorporada no tratamento do dependente químico, tanto durante a desintoxicação quanto na fase de prevenção de recaídas posteriores (Backes *et al.*, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa cumpre um papel crucial na reinserção social dos acolhidos, promovendo a valorização da vida, a redescoberta de propósitos e o fortalecimento dos vínculos familiares. Muitos, que chegaram desacreditados, hoje podem recomeçar ao reencontrar sentido para uma melhor qualidade de vida e para contribuir positivamente com a sociedade

Em síntese, este trabalho reafirma a importância de iniciativas que integram a fé ao cuidado e ao compromisso social. Desafios aparecem e, dentro da execução desse Círculo de Cultura, é possível deparar-se com muitos vícios, além dos vícios químicos, como, por exemplo, a manipulação na fala, o jogo para agradar e o excesso de autopiedade. Ainda assim, ficou nítido que a religiosidade e sua prática são o que ajudarão esses homens a vencer qualquer obstáculo. Concluimos que a religiosidade, isto é, a prática da fé, ajuda direta e indiretamente o indivíduo a superar-se, retomar sua vida e cuidar de sua saúde e bem-estar.

REFERÊNCIAS

- BACKES, D. S. et al. Oficinas de espiritualidade: alternativa de cuidado para o tratamento integral de dependentes químicos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 5, p. 1254–1259, out. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000500030>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BARDI, G.; GARCIA, M. L. T. Comunidades terapêuticas religiosas: entre a salvação pela fé e a negação dos seus princípios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Vitória, n. 27, p. 1557-1566, abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/VXFttJV983s9xjWsvfybPzg/?lang=pt#>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- BENELLI, L. et al. **Reabilitação psicológica e reinserção social do dependente químico. Problematizações das figuras da Psicologia Clínica**, SciELO Livros, 2024. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/5xntg/pdf/benelli-9786557144558.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BENELLI, S. J. **Reinserção consentida e marginalidade – reabilitação social na dependência química. Entidades assistenciais para crianças e adolescentes no município**. São Paulo: Editora UNESP, 2022. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kpj32>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BORGES, D. C. et al. Círculo de Cultura como estratégia de promoção da saúde: encontros entre educação popular e interdisciplinaridade. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 228-238, dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E620>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- FARIA, J. B. D.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Distrito Federal, n. 18, p. 381-389, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300012>. Acesso em: 03 abr. 2025.
- FULFORD, K. W.; JACKSON, M. Spiritual experience and psychopathology. **Philosophy, Psychiatry, & Psychology**, v. 4, n. 1, p. 41-65, 1997.
- NEPOMUCENO, L. B.; CAVALCANTE, J. A. M.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Círculo de Cultura como componente qualitativo da pesquisa em Educação Física: reflexões teórico-metodológicas. **Pensar a Prática**, Goiânia, n. 22, p. 1-13, nov. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/55524>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- NERY FILHO, A. et al. **Toxicomania: incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: CETAD, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/qk>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- OLIVEIRA, V. R. D. et al. Religiosidade e espiritualidade: discursos dos enfermeiros da atenção básica. **Enferm Foco**, Brasília, n. 14, p. 1-6, jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2023.v14.e-202345>. Acesso em: 03 abr. 2025.
- RIBEIRO, F. M. L.; MINAYO, M. C. D. S. As Comunidades Terapêuticas religiosas na recuperação de dependentes de drogas: o caso de Manguinhos, RJ, Brasil. **Interface** –

Comunicação, Saúde, Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 515-526, set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0571>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SANCHEZ, Z. V. D. M.; NAPPO, S. A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. **Revista Paulista de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 3–10, out. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700010>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SANTOS, P. M. D. et al. Suporte religioso e espiritual na concepção de enfermeiros e familiares de pacientes críticos: estudo transversal. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, n. 55, p. 1-8, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-0508>. Acesso em: 03 abr. 2025.

SOUZA, K. D. S. et al. Reinserção social de dependentes químicos residentes em comunidades terapêuticas. **SMAD – Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, p. 171–177, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v12i3p171-177>. Acesso em: 16 jun. 2025.

TAVARES, M. D. M. et al. Espiritualidade e religiosidade no cotidiano da enfermagem hospitalar. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, n. 12, p. 1097-1102, abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i4a234780p1097-1102-2018>. Acesso em: 03 abr. 2025.

ISBN 978-658319922-5

